



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

DIOGO MARIA RODRIGUES PINTO CARVALHO

*“O Gloriosa Domina - Excelsa supra sidera”*  
**A figura de Nossa Senhora nos Sermões de  
Santo António de Lisboa**

Dissertação Final sob orientação de: Professor  
Doutor António Martins

Lisboa  
2024

## ÍNDICE

<b>RESUMO.....</b>	<b>3</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>I. VIDA E OBRA DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA .....</b>	<b>6</b>
1.1. Fernando de Bulhões .....	6
1.2. De Dom Fernando a Frei António .....	11
1.3. Frei António .....	19
<b>II. NOSSA SENHORA NOS SERMÕES DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA ...</b>	<b>31</b>
2.1. Visão geral dos Sermões de Santo António de Lisboa .....	31
2.2. Estrutura dos Sermões de Santo António de Lisboa.....	37
2.3. Sermões Marianos de Santo António de Lisboa.....	39
2.3.1. <i>Sermão Mariano – “Natividade de Maria Virgem Santíssima”</i> .....	40
2.3.2. <i>Sermão Mariano – “Anunciação de Maria Virgem Santíssima”</i> .....	43
<b>III. SANTO ANTÓNIO E NOSSA SENHORA.....</b>	<b>53</b>
3.1. Visão Geral dos Sermões Marianos de Santo António.....	53
3.2. Santo António e o dogma da Imaculada Conceição .....	54
3.3. Simbologia nos Sermões de Santo António.....	57
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>61</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>65</b>

## **RESUMO**

A presente dissertação pretende fazer uma síntese teológica a partir dos sermões marianos de Santo António. Analisaremos a sua formação e a importância que esta teve na escrita dos seus sermões. Focaremos o estudo em dois sermões marianos: O Sermão da Natividade de Nossa Senhora e o Sermão da Anunciação a Nossa Senhora. O texto antoniano é escrito numa teologia poética com o objetivo de ser mais perceptível pelos frades que recebiam estas mesmas lições. Concluiremos o estudo com uma análise às dimensões marianas da Imaculada Conceição que anos mais tarde veio a ser confirmada como dogma.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Santo António, Nossa Senhora, Lisboa, Mosteiro de São Vicente de Fora, Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Pádua, Sermões, Teologia Poética, Metáforas Teológicas,

## **ABSTRACT**

This article aims to make a theological synthesis based on St. Anthony's Marian sermons. It analyzes his formation and the importance it held in the writing of his sermons. The present study will focus on two Marian sermons: the Sermon on the Nativity of Our Lady and the Sermon on the Annunciation to Our Lady. The Antonian text is written in a poetic theology with the aim of being more understandable to the monks who were receiving these same lessons. The paper concludes with an analysis of the Mariological dimensions of the Immaculate Conception, which years later was confirmed as dogma.

## **KEY WORDS**

Saint Anthony, Our Lady, Lisbon, Monastery of São Vicente de Fora, Monastery of Santa Cruz de Coimbra, Padua, Sermons, Poetic Theology, Theological Metaphors

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado é apresentada sob o título “A figura de Nossa Senhora nos Sermões de Santo António de Lisboa” e pretende realizar um estudo em dois âmbitos diferentes. No primeiro capítulo, faremos uma contextualização biográfica de Santo António, através de uma breve análise da sua história de vida. No segundo e no terceiro capítulo, faremos um estudo pormenorizado dos seus sermões dedicados a Nossa Senhora.

O primeiro capítulo do trabalho não levantou grandes questões, pois para compreender a dimensão teológica de Santo António mostrou-se necessário um capítulo introdutório a contextualizar a vida deste mesmo teólogo. O seu percurso tem sido, ao longo dos tempos, causa de investigação para muitos autores. Os seus tempos de Lisboa e Coimbra, como cónego regrante de Santo Agostinho, foram fundamentais para o seu sucesso como teólogo franciscano. Neste primeiro capítulo queremos fazer uma abordagem histórica da sua vida, analisando alguns factos teológicos e lendários que foram marcando o seu percurso.

O segundo e o terceiro capítulos foram apresentando várias abordagens, mas sendo a figura da Virgem Santa Maria fonte de interesse em bastantes autores da Idade Média, Santo António, um teólogo desta mesma época, teria muito a dizer sobre teologia mariana. Após alguma investigação, foi escolhido como tema central do trabalho: A figura de Nossa Senhora nos Sermões de Santo António de Lisboa.

No primeiro capítulo faremos uma exposição onde aprofundaremos a vida de Santo António. Ao primeiro subcapítulo chamaremos o seu nome de batismo, “Fernando de Bolhões”. Neste primeiro subcapítulo analisaremos a sua vida como aluno da escola capitular da Sé da Lisboa, estudaremos a sua passagem por São Vicente de Fora e ainda estudaremos a sua família contextualizando-a na Lisboa do século XI.

Chamaremos ao segundo subcapítulo “De Dom Fernando a Frei António”. Aqui, analisaremos a sua passagem pelo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra até partir para a Ordem Franciscana. Ao professar os votos nos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho passou a ser chamado de Dom Fernando. Quando deixou esta ordem para tomar o hábito de franciscano deixou de ser chamado Fernando, adotando o nome de António, em homenagem a Santo Antão. Neste subcapítulo estudaremos os últimos anos como cónego regrante de Santo Agostinho e os primeiros anos como franciscano.

O terceiro subcapítulo tem o título de “Frei António”. Neste subcapítulo faremos um estudo sobre a missão de António na Ordem Franciscana até ao momento da sua morte.

No segundo capítulo da dissertação, intitulado “Nossa Senhora nos Sermões de Santo António”, aprofundaremos os sermões de Santo António. No primeiro subcapítulo será realizada uma contextualização dos vários sermões de Santo António. No segundo subcapítulo, o estudo incide sobre a estrutura literária dos sermões onde é explicado o modelo que Santo António usava ao construir os seus sermões. No terceiro subcapítulo, o estudo focar-se-á em dois dos sermões marianos de Santo António: o Sermão da Natividade de Maria Virgem Santíssima e o Sermão da Anunciação de Maria Virgem Santíssima. Aqui entraremos no corpo principal da dissertação. Destacaremos neste subcapítulo as principais características de cada sermão em estudo.

No terceiro capítulo, com o título de “Santo António e Nossa Senhora” apresentaremos um estudo sobre algumas características presentes nos sermões marianos de António. No primeiro subcapítulo realizar-se-á uma análise sobre a visão geral de Nossa Senhora nos Sermões de Santo António. Este estudo, no segundo subcapítulo, irá focar-se nas intuições doutrinárias que futuramente estarão presentes na formulação do dogma da Imaculada Conceição. O estudo terminará no terceiro subcapítulo onde serão aprofundadas as simbologias marianas presentes nos sermões de Santo António.

Na introdução deste mesmo trabalho queremos agradecer a algumas pessoas que foram grandes apoios na elaboração do mesmo. O Professor António Martins pelo acompanhamento que foi dando ao longo da elaboração da dissertação, ao Professor Henrique Rema e à Professora Sirgado Ganho pelo seu vastíssimo conhecimento de teologia antoniana e aos alunos de Licenciatura em Teologia, Bernardo Garcia e Tomás Virtuoso.

## I. VIDA E OBRA DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Neste primeiro capítulo analisaremos a vida de Santo António de Lisboa. Percorrendo três subcapítulos que estudaram os vários momentos da sua vida. O primeiro subcapítulo estudará os tempos em que viveu em Lisboa. No segundo subcapítulo, o estudo começa com a entrada no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e termina com a sua entrada na Ordem Franciscana. No terceiro subcapítulo será estudado os seus tempos de Franciscano até morrer em Pádua no ano de 1231.

### 1.1. Fernando de Bulhões

É conhecido por muitos como Santo António de Lisboa, por outros como Santo António de Pádua e ainda por outros *Il Santo*. No início do estudo, daremos o nome de Fernando de Bulhões. Assim foi batizado e assim foi chamado na sua vida secular. Nasceu na rua das Pedras Negras, mas foi na Sé de Lisboa que foi batizado como Fernando, o nome que Martinho de Bulhões e Maria Tereza Taveira escolheram para o seu único filho “porventura em homenagem ao seu tio cónego Fernando”<sup>1</sup>. Do nome Fernando não há muitas dúvidas, quanto ao apelido Bulhões são levantadas algumas questões. Das várias teses sobre o apelido de Fernando, algumas delas ligam-se à conquista da cidade de Lisboa. Lisboa foi conquistada por D. Afonso Henriques em 1147. Passados 50 anos, nascia em Lisboa, Fernando de Bulhões. Nos tempos do seu nascimento, certamente ainda pairava no ar, o “nascimento” da nova Lisboa. A história de Fernando poderá estar também envolvida nesta conquista, pois como se defende em algumas teses, Martinho de Bulhões com apelido francês, poderá ser de descendência franca, que tenha combatido junto de D. Afonso Henriques na conquista da cidade e que por cá tenha ficado, tal como nos sugere em português antigo, na obra “*Nobiliarchia Portuguesa*” António de Villas Boas e Sampayo em 1754:

He seu solar a Quinta dos Bulhoes, junto a cidade de Lisboa, a que deraõ o nome alguns Francezes deste apelido, que se acháraõ na conquista daquela Cidade, com el Rey D. Affonso Henriques, e fizeraão por alli seu assento. Foy desta Familia o glorioso Santo

---

<sup>1</sup> Henrique Pinto Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos*, EGEAC, Museu de Lisboa-Santo António, Centro de Estudos e Investigação de Santo António (Lisboa, 2019)., p.113.

Antonio de Lisboa, que bastava para a ilustrar, e na Casa, que tem esta Cidade, se vem suas armas pintadas, em muitas partes, [...]²

Conforme o autor acima citado, bastaria a vida de Fernando para ilustrar a nobreza desta família.

Também o próprio Godofredo de Bulhões, o primeiro Rei de Jerusalém, poderá fazer parte da ascendência de Fernando de Bulhões, assim indica Jorge Cardoso na obra “*agiologia lusitano*” citada na obra do Padre António Rema:

Porque o apelido de Bulhão sem dúvida é estrangeiro como outros muitos deste reino, quiçá o tomasse esta antiga família, não somente do ducado chamado Bulhão, que jaz entre Alemanha e França, mas também do famoso Gotifredo de Bolhão, Duque de Lorena, Primeiro Rei de Hierosalem, [...] e que se ficasse entre nós de algum francês ilustre que se achou na conquista de Lisboa, parente deste ínclito herói. E o Taveira é derivado d`el-rei D. Fruela das Astúrias.<sup>3</sup>

Por curiosidade histórica, Godofredo de Bulhão não aceitou ser chamado Rei, mas sim Protetor do Santo Sepulcro. Não quis este título, pois não queria ser coroado rei no local onde, segundo a tradição, Jesus mil anos antes fora coroado de espinhos - “o famoso Gotifredo de Bolhão duque de Lorena, primeiro rei de Jerusalém, onde não se quis coroar de ouro por ser nela Cristo coroado de espinhos”<sup>4</sup>. O cronista Marcos de Lisboa, no século XVI indica, “o Pai de António se chamava Martilho de Bolhões, descendente direto de Godfredo de Bulhão, quando é sabido que o capitão morreu no ano 1000, sem prole, deixando o reino de Jerusalém a seu irmão Balduíno”<sup>5</sup>.

Por isso, diz Giulio Marchetti Ferrante, “Mas tudo isto são hipóteses e nós preferimos o honesto silêncio do primeiro biógrafo, Tommaso de Pavia, o qual, nada sabendo de certo, nada nos diz”<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup> In Rema, Coletânea de Estudos Antonianos, p.73.

<sup>3</sup> In Rema, Coletânea de Estudos Antonianos, p.73.

<sup>4</sup> Fernando Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico* (Editorial Franciscana, 1954)., p.25.

<sup>5</sup> Giulio Marchetti Ferrante, *António de Lisboa - O Santo de Pádua (1195-1231)*, 1ª Edição (Coimbra: Coimbra Editors L.da, 1963)., p.44.

<sup>6</sup> Ferrante. António de Lisboa -O Santo de Pádua (1195-1231), p.47.

Explica o Padre Fernando Félix Lopes, em 1954, as origens humildes da família de Fernando de Bolhões:

que, partindo do povo, por sua seriedade e esforço cresceu em riqueza e distinção, e acabou família nobre quando no século XV circunstâncias várias alargaram os quadros de nobreza [...] E estas raízes humildes até melhor explicam o seu feitio de alma. Sempre resoluto em seus projetos, sempre corajoso e esperançado nos dias de infortúnio, com uma eloquência entusiasmada límpida donde ora chispam audácias a emendar desacertos dos grandes, ora jorram carícias a afagar os corações em carne viva, parece que de facto lhe mexia nas veias o sangue irrequieto do bom povo de Lisboa.<sup>7</sup>

Na cidade de Lisboa, cresceu o jovem Fernando. Em “menino, Fernando pelos sete ou oito anos de idade, começou por aprender a ler e a falar a língua latina, a fazer contas e a solfejar música.”<sup>8</sup>

Mesmo em frente à sua casa de nascimento era a Escola Capitular no edifício da Sé de Lisboa, aí Fernando de Bulhões fez os seus primeiros estudos “A Escola Capitular de Lisboa funcionava junto da Sé, com carácter mais ou menos público, destinada, em princípio, a iniciar rapazes nos estudos literários com alguma vocação para a vida eclesiástica”.<sup>9</sup>

Entre aulas, cantos e orações, a vida de Fernando ia desabrochando, deixando já aparecer tímidos traços da sua vocação.

Na escola capitular, os estudos eram variados e os professores também. O ensino era o costume do tempo, composto pelo modelo Trivium e pelo modelo Quatrivium. O Trivium era composto pela Gramática, Retórica e Dialética, enquanto o Quatrivium por Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Entre alguns dos seus mestres, estava o seu Tio Fernando, cónego da Sé.

O antonianista franciscano conventual Giuseppe Abate, ao explicar os estudos de Santo António, indica:

Entre o fim dos estudos na escola da Sé e a entrada no Mosteiro de São Vicente de Fora terão medido quatro a cinco anos, aproveitados para estudar as Artes Liberais do Trívio (Gramática, Retórica e Dialética) e Quatrívio (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia). O franciscano português Padre António Domingues Sousa Costa acha frágil

---

<sup>7</sup> Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico.*, p.27.

<sup>8</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.406.

<sup>9</sup> Rema., p.406.

a hipótese adiantada por Abate, por não existirem escolas públicas laicas em Portugal naquele tempo.<sup>10</sup>

O seu professor e tio - Cónego da Sé - foi seguramente uma das grandes influências da sua vida, sendo os pais de Santo António os primeiros a perceber que na sua casa crescia alguém especial, assim indica o Professor Henrique Pinto Rema: “imitando o exemplo dos seus virtuosos progenitores, comprazia-se em estender a mão aos pobres com esmolas generosas para lhes aliviar as necessidades materiais: desde a infância crescera nele esse gosto de fazer o bem”.<sup>11</sup>

A descrição de D. Rodrigo da Cunha na “História Eclesiástica da Igreja de Lisboa”, escrita no século XVII, afirma que Fernando de Bulhões enquanto caminhava pelas ruas de Lisboa, encontrou uma menina que chorava por ter partido o seu cântaro de barro onde levava a água para a sua pobre família. Comovendo-se com as suas lágrimas, rapidamente sem a menina perceber o cântaro tornava-se como novo, assim indica D. Rodrigo da Cunha, antigo arcebispo de Lisboa:

Vindo certa moça de se servir do chafariz com um pote água, tirando da cabeça para descansar dos degraus da Sé ou fosse por desastre ou por travessura de algum que passava, o pote caiu e fez-se em pedaços. Chorava a moça irremediavelmente a perda, lastimando-se do que a Senhora em casa faria vendo a entrar sem pote e sem água. Ouviu-a o Santo moço e não se achando com dinheiro que lhe pudesse dar para outro, perguntando lhe causa de suas lágrimas e, entretanto, apanhando os pedaços do cântaro como quem o queria inteirar. Tendo-o feito disse para a moça que não chorasse, que o seu pote estava são e cheio de água, que se fosse embora com ele para casa sem temor da Senhora que tanto a receava<sup>12</sup>.

Fernando de Bulhões começava assim a tocar a vida dos homens e o amor de tantos por si, ia crescendo nos bairros de Lisboa. À medida que crescia, as tentações subjacentes à vida iam sendo causa de luta no jovem Fernando, “Teria pouco menos de vinte anos e

---

<sup>10</sup> Rema., p.114.

<sup>11</sup> João Peckham, “Legenda de Santo António – Benignitas” in José António Correia Pereira, ed., *Fontes Franciscanas III - SANTO ANTÓNIO DE LISBOA - Legendas-Sermões*, 2ª Edição (Braga: Editorial Franciscana, 2017)., p.195.

<sup>12</sup> Museu de Lisboa, «“O Milagre da Bilha”, como relatado no século XVII», Youtube, 4 de fevereiro de 2021, <https://www.youtube.com/watch?v=mVtzYaG-QTg>.

uma grande carga de ideal, como é próprio da idade, querendo abandonar as tentações violentas que lhe surgiram na adolescência”<sup>13</sup>, decidiu partir para São Vicente de Fora.

Em 1209 entra na ordem de Santo Agostinho que funcionava na Escola Monacal de São Vicente de Fora que, como o seu nome indica, já era fora das portas de Lisboa. Assim, Fernando podia estar mais refugiado e concentrado no estudo e na oração, em busca daquilo que o seu coração ansiava. Assim indica a *Vida Primeira de Santo António*, legenda biográfica de 1232, “Dia a dia, se lhe aumentava o aborrecimento do mundo, e, ao ensaiar os primeiros passos em seus caminhos, fugiu, receoso de que se lhe pegasse a poeira da felicidade terrena, que o tolhesse de caminhar para o Senhor, como animosamente havia determinado”.<sup>14</sup>

A Escola Monacal dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho pertencia à ordem de Santo Agostinho e nesta se preparou Fernando de Bulhões para os seus primeiros votos. Aos dezanove anos vai para São Vicente e inicia assim a sua preparação, mediante o estudo e a prática da Regra de Santo Agostinho, com o fim de professar os primeiros votos, provavelmente um ano depois.<sup>15</sup> Ao fazer os votos pela primeira vez, declara perante a Igreja que quer consagrar toda a sua vida. Mas o silêncio de São Vicente de Fora era mais ruidoso do que ele esperava, pois as amizades não lhe concedem a necessária concentração de espírito para alcançar o objetivo proposto, e resolve simplesmente mudar de casa, depois de ali ter permanecido perto de dois anos, ou seja, até ao fim de 1211 ou começo de 1212.<sup>16</sup>

Fernando deixava assim, a cidade de Lisboa partindo para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O que tinha recebido da cidade recém reconquistada, foi-lhe formando a consciência. A vida cosmopolita em que cresceu abriu-lhe o espírito ao mundo que o circundava. Fernando abraçava assim os desígnios de Deus que “não lhe amarram os braços, antes lhe possibilitam chegar mais fundo e mais longe”.<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.406.

<sup>14</sup> “Legenda Assídua - Vida primeira de Santo António” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.35.

<sup>15</sup> Cf. Pinto Rema, “Introdução aos Sermões” in Correia Pereira., p.406.

<sup>16</sup> Cf. Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.407.

<sup>17</sup> Pinto Rema, “Introdução aos Sermões” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.408.

## 1.2. De Dom Fernando a Frei António

Dom Fernando desejando um recolhimento maior do que aquele que encontrava em Lisboa, pediu transferência para Coimbra. O seu quarto voto de *stabilitas loci* não foi um entrave e mesmo tendo jurando uma estabilidade permanente em Lisboa, o seu superior concedeu-lhe o desejo de assim partir para Coimbra, como está explicado na primeira biografia de Santo António: “Obtida com dificuldade, a licença do superior, à força de muitas preces, não mudou de ordem, mas de lugar e transitou para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra com entusiasmo de espírito”.<sup>18</sup>

Oitenta anos antes de Fernando Martins deixar Lisboa, Coimbra tornara-se a capital do Condado Portucalense. Assim, em 1131 a corte transferira-se de Guimarães para a capital, Coimbra. A influência e importância de Coimbra tornaram-se primordiais para que em 1143 se pudesse assistir à fundação do Reino de Portugal. Em 1132, Dom Telo funda o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que se torna uma das melhores casas de ensino da época.

A Igreja de Coimbra atravessava períodos conturbados, especialmente dentro do Cabido da Sé. Em 1128, morre o Bispo de Coimbra, D. Gonçalo Pais e previa-se a sua sucessão pelo Arcediago D. Telo, que, por ser apoiado pela Rainha D. Teresa, esperava-se que seria ele a ocupar a Cátedra Episcopal de Coimbra.<sup>19</sup> Acontecendo neste mesmo ano a batalha de São Mamede, ocupou o cargo episcopal, D. Bernardo que era apoiado pelo então vencedor D. Afonso Henriques.

Sendo D. Telo apoiado por D. Teresa, a sucessão episcopal em Coimbra poderia não ser como o esperado. Escreve a este propósito, o professor Santos Carvalho:

Como D. Telo era apoiado por D. Teresa e pelos Condes Galegos, D. Afonso Henriques preteriu e optou por D. Bernardo, arcediago de Braga. Esta preterição deu-se porque D. Afonso Henriques queria uma união dos bispados em torno de Braga, pensando nas possibilidades de independência face aos leoneses. [...] Porém esta escolha não foi

---

<sup>18</sup>Legenda Assidua - “Vida Primeira de Santo António” in Correia Pereira, Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa., p.36.

<sup>19</sup> Cf. Santos Carvalho, «O Mosteiro de Santa Cruz na emergência de Portugal» As relações com o Poder Régio e com o Papado» Dissertação Final - Mestrado Integrado, Universidade Católica - Faculdade de Teologia, 2016. Repositório UCP., p.33.

meramente política. D. Afonso Henriques escolheu D. Bernardo porque este, sendo beneditino, podia continuar a promoção dos ideais da Reforma Gregoriana.<sup>20</sup>

D. Telo, uma vez afastado do Cabido, conta a D. João Peculiar, mestre-escola na Catedral de Coimbra, o seu desejo de fundar os cónegos regrantes em Coimbra. Durante alguns anos prepara o seu projeto e com ajuda de uns terrenos cedidos por D. Afonso Henriques<sup>21</sup>, inaugura assim a escola que viria a continuar a formação de Fernando Martins de Bulhões, já começada em Lisboa.

Também o próprio São Teotónio, primeiro santo português, participa nesta mesma fundação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Explica assim o professor Reis da Silva:

Quando São Teotónio já tinha organizado tudo o que precisava para abandonar de vez a sua pátria e partir definitivamente para a Terra Santa, um grupo de respeitados religiosos, convidam-no para, juntamente com eles, fundar um mosteiro nos arredores de Coimbra. Faltava ele para alcançarem o simbólico número de 12 religiosos a abraçar esta vida apostólica, sendo o principal promotor da iniciativa o D. Telo.<sup>22</sup>

O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra é, assim, fundado no rescaldo da fundação de Portugal com o apoio do seu principal fundador, D. Afonso Henriques. O novo Mosteiro ganhava especial relevo no ensino de excelência da época, pois assim indica o Professor Santos Carvalho:

O seu contributo para o país é incomensurável, pois para além do serviço eclesial que proporcionou à diocese de Coimbra, desde os tempos fundacionais do Mosteiro, a sua vasta acção beneficiou toda a nação. Legou-lhe o primeiro Santo português, São Teotónio, e um dos seus mais importantes pregadores, Santo António.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Santos Carvalho. «O Mosteiro de Santa Cruz na emergência de Portugal» As relações com o Poder Régio e com o Papado», p.33.

<sup>21</sup> Santos Carvalho., p.33.

<sup>22</sup> André Mauricio Horta Reis da Silva, «São Teotónio: Vida, obra e iconografia» (Dissertação Final - Mestrado Integrado, Braga, Universidade Católica - Faculdade de Teologia, 2017), Repositório UCP, file:///C:/Users/diogo/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20S%C3%A3o%20Teot%C3%B3nio,%20vida,%20obra%20e%20iconografia%20de%20Andr%C3%A9%20Maur%C3%ADcio%20Horta%20Reis%20da%20Silva.pdf., p.54.

<sup>23</sup> Santos Carvalho, «O Mosteiro de Santa Cruz na emergência de Portugal As relações com o Poder Régio e com o Papado»., p.1.

Assim, no final do ano de 1210 ou em inícios de 1211<sup>24</sup>, Fernando de Bulhões parte para Coimbra, para o Mosteiro de Santa Cruz. Em Lisboa a sua fama começou a espalhar-se e as inúmeras visitas que recebia davam nota que os lisboetas viam em Fernando uma pessoa especial. Em 1232, surge a primeira biografia de Santo António. O autor, um frade anónimo, descreve assim esta mudança:

[ ] e aturado um sem número de amigos, importunos para os espíritos piedosos, com o fim de acabar com toda a ocasião de perturbação desta natureza, decidiui deixar a terra natal, e aferrar em porto mais sossegado e seguro, onde sem empecilhos pudesse entregar-se a Deus e em paz cultivar a perfeição.<sup>25</sup>

O frade franciscano Aloísio Tomás Gonçalves, em 2016, na sua biografia sobre Santo António, escreve,

Por esta razão, sofria tanto com as repetidas e inoportunas visitas de parentes e amigos, que a permanência naquele mosteiro começou a tornar-se-lhe pesada. Que pretendia o mundo dele, se por sua parte lhe tinha voltado as costas? Desviá-lo da sua vocação? Jamais o conseguiria.<sup>26</sup>

Na segunda biografia de Santo António, datada de 1235, Frei Juliano de Espira, vê da seguinte forma a mudança de São Vicente de Fora para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra:

Não conseguindo aí o sossego de espírito por causa das visitas importunas dos seus amigos mundanos, passados dois anos, mudou-se para Santa Cruz de Coimbra, outro mosteiro da mesma Ordem.<sup>27</sup>

Esta transferência foi mais um passo dado por Fernando. O caminho interior que atravessava ia mergulhando-o nas verdades mais escondidas, sítios onde a confusão do mundo não o deixava chegar. Tinha partido da Escola da Catedral para o Mosteiro de São

---

<sup>24</sup> Cf. Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.115.

<sup>25</sup> *Legenda Assidua - Vida Primeira de Santo António* in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.31.

<sup>26</sup> Aloísio Tomás Gonçalves, *Vida de Santo António de Lisboa* (Paulus Editora, 2016)., p.25.

<sup>27</sup> Juliano de Espira, “Vida Segunda” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.115.

Vicente de Fora em busca do silêncio que a cidade não lhe podia dar; agora partia para Coimbra, pois o silêncio de São Vicente de Fora era ainda muito ruidoso.

O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra tinha-se tornado nos últimos tempos o lugar de excelência no ensino do Reino e uma importante referência na cristandade de então. Como tinha o alto patrocínio da Casa Real, podia dar aos seus alunos uma educação que outras escolas do tempo não poderiam dar. Escreve a este propósito o professor António Eça de Queiroz explicando do que estava rodeado Fernando de Bulhões no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra:

Rodeado pela atmosfera especial do lugar que guardava os restos mortais dos primeiros reis, apoiado na qualidade de umas das melhores bibliotecas então existentes no país e na excelência de mestres formados na Universidade de Paris (não é por acaso que os Agostinhos sempre foram considerados os doutores da Igreja).<sup>28</sup>

No tempo de Santa Cruz, Dom Fernando aprofundou os desígnios de Deus, para assim poder revelar a todos prontamente os segredos das Sagradas Escrituras.<sup>29</sup> Os seus mestres de renome fizeram de Fernando alguém que “progrediu em todo o estado de perfeição e de piedade”.<sup>30</sup> No Mosteiro de Santa Cruz, uma das mais bem referenciadas bibliotecas no contexto cultural de então, “abundavam textos bíblicos, obras dos santos padres da Igreja”<sup>31</sup>, aos quais se juntavam, “enciclopédias do tempo, tais como *Collationes Patrum*, de João Cassiano, o *Vocabularium*, de Pápias e os *Libri Etymologiarum*, de Santo Isidoro de Sevilha”<sup>32</sup>. O Estudo era ainda completado com “códigos legislativos e manuais de pregação e de História”.<sup>33</sup>

Escreve Augustina Bessa-Luís sobre a formação de Santo António,

A formação escolar de S. António na Lisboa mourisca onde viveu é mais difícil de seguir do que os seus estudos no convento de Santa Cruz. S. Agostinho, S. Gregório Magno, Hugo de S. Vitor, Orígenes, S. Isidoro e Pedro Lombardo foram os mestres com cujos textos mais lidou. Quantas páginas folheou, quanta matéria decifrou, podemos

---

<sup>28</sup> António Eça de Queiroz, *Santo António* (Autor e Guerra e Paz Editores, S. A., 2010)., p.22.

<sup>29</sup> Cf. “Vida Primeira de Santo António” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.37.

<sup>30</sup> João Rigauld, “Legenda Rigaldina” in Correia Pereira, *Legendas – Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.276.

<sup>31</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos*.p.116.

<sup>32</sup> Rema., p.116.

<sup>33</sup> Rema., p.116.

saber aproximadamente pelo inventário feito nas bibliotecas desses presídios da inteligência que eram os mosteiros medievais.<sup>34</sup>

Continuando a sua formação no Mosteiro de Santa Cruz, em 1220, aos vinte cinco anos, Fernando é ordenado sacerdote, neste mesmo local.

Neste mesmo ano, em Marraquexe, eram presos e torturados os Mártires de Marrocos. Dos cinco, Vital, Berardo e Otão eram sacerdotes, Pedro era diácono e Acúrsio e Ajunto eram leigos. Todos eram frades menores enviados por São Francisco de Assis para evangelizarem os sarracenos marroquinos. O seu envio acontecera em 1219, seis anos depois de Francisco de Assis ter obtido a autorização do Papa Inocêncio IX para a fundação da nova ordem.

No seu caminho para Marrocos, vieram a Portugal e foram recebidos pela família real em Coimbra, especialmente por D. Urraca - Rainha de Portugal e esposa de D. Afonso II. Explica a este propósito a obra da professora Maria Helena da Cruz Coelho: “O impacto destes franciscanos em Portugal começou na sua itinerância para África e o acolhimento que lhes foi dado pela família real lançou os fundamentos da devoção que, após o seu sacrificio em Marrocos, aqui floresceu, transcendeu [...]”.<sup>35</sup>

A simplicidade e coragem destes homens despertou nos portugueses um grande carinho, pois a sua sede de martírio era fonte de encanto para muitos jovens. Assim explica a obra “*Mártires de Marrocos nos 800 anos do seu martírio*” da autora Maria Helena da Cruz Coelho: “a sede de martírio dos cinco menorigas italianos foi responsável por conduzir à ordem franciscana vários jovens [...], em busca de uma espiritualidade radical, voluntariosa e aventureira”.<sup>36</sup>

Na sua passagem por Coimbra, os Cónegos de Santo Agostinho tiveram a possibilidade o conhecer estes homens aquando da sua visita ao Mosteiro de Santa Cruz, tal como indica a obra de Maria Helena da Cruz Coelho: “Saíram de Assis em 1219,

---

<sup>34</sup> Agustina Bessa-Luís, *Santo Antonio - Biografia* (Lisboa: Guimarães Editores, 1993)., p.36.

<sup>35</sup> Maria Helena Cruz Coelho et al., eds., *Mártires de Marrocos nos 800 anos do seu martírio. História, Espiritualidade e Materialidade*, Igreja de Santa Cruz de Coimbra (Coimbra, 2021)., p.126.

<sup>36</sup> Cit Cruz Coelho et al., p.129.

passaram por Coimbra, onde, descansando no Mosteiro de Santa Cruz, conheceram os cónegos Regrantes, em especial, o nosso Fernando de Bulhões.”<sup>37</sup>

Estes homens partiram para Marrocos, acabando por morrer Mártires em 1220.

Após o martírio, os seus corpos foram lançados num monte de lixo para assim serem destruídos pelos cães. Contudo, devido a uma grande tempestade, os cães foram afastados podendo os cristãos resgatar os seus corpos.

O infante D. Pedro, irmão de D.Afonso II, encontrava-se em Marrocos em 1220. Após a morte dos mártires, intercedeu e pediu que as relíquias dos mártires de Marrocos, fossem levadas para Portugal, mais precisamente para a cidade de Coimbra.

Escreve o investigador Nelson Correia Borges sobre a chegada dos restos mortais dos mártires de Marrocos a Coimbra:

Organizou-se o cortejo que seguia para a Sé, mas a mula que levava o caixão das relíquias – contam os relatos lendários – parou junto ao mosteiro de Santa Cruz e dali não se mexeu enquanto não abriam as portas da igreja. Entrou e foi ajoelhar junto do altar-mor, significando que os restos dos mártires deviam ficar naquele lugar, como realmente assim aconteceu.<sup>38</sup>

Assim se foi contanto, e Fernando de Bulhões ao ver as relíquias destes mártires, impelido pelo carácter missionário, sentiu o desejo de partir também. O martírio destes cinco homens chamou por ele e assim quis morrer também, como mártir, em Marrocos. Tal como indica a seguinte citação da Professora Maria Helena da Cruz Coelho:

Fernando Martins de Bulhões, igualmente insatisfeito, foi seduzido por esta via de santificação radical e decidiu trocar a carreira de cónego insigne pela conversão aos frades menores.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Cruz Coelho et al., p.32.

<sup>38</sup> Cit. Nelson Correia Borges, «Coimbra: Mártires de Marrocos», Blog, A`Cerca de Coimbra, 14 de janeiro de 2020, <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-martires-de-marrocos-174470>.

<sup>39</sup> Cruz Coelho et al., *Mártires de Marrocos nos 800 anos do seu martírio. História, Espiritualidade e Materialidade.*, p.129.

Em Coimbra existia já uma pequena comunidade franciscana na Ermida de Santo Antão dos Olivais. Fernando de Bolhões foi ao encontro destes homens e pediu para se juntar à Ordem.

Frei Fernando já conhecia os irmãos franciscanos, pois, quando assumiu as funções de porteiro do Mosteiro de Santa Cruz certamente, se cruzou com estes homens enquanto pediam esmola de porta em porta.

A primeira biografia sobre Santo António indica assim a mudança para a Ordem Franciscana:

Certo dia, [...] veio ele em segredo à sua residência e, entre outras coisas, disse também o seguinte: Irmãos caríssimos, desejaria receber do fundo da minha alma o hábito da vossa Ordem, se me prometerdes enviar, mal eu tenha ingressado, à terra dos Sarracenos, para eu merecer também partilhar da coroa dos mártires.<sup>40</sup>

Foi uma grande surpresa para os cónegos da ordem de Santo Agostinho. Assim é explicada a reação dos franciscanos na segunda biografia de Santo António:

Alegram-se deveras, ao escutá-lo, aqueles irmãos simples, concordam sobre o dia em que se havia de cumprir este seu desejo e, deste modo, felizes, despedem-se dando graças ao Senhor. Ele depois, obtida não sem dificuldade a licença do seu prelado, prepara-se alegremente para o encontro e os irmãos, conforme o prometido, voltam todos contentes e no mesmo mosteiro o vestem com o seu hábito.<sup>41</sup>

Assim narra Juliano de Espira, explicando a saída de Santo António do Mosteiro de Santa Cruz,

Enquanto se afastava em companhia dos frades, um dos cónegos, mais triste do que os outros com esta despedida, com o coração amargurado saudou assim o que partia: “Vai, vai” - diz – “talvez venhas a ser um santo”. Ao qual humildemente responde: “Quando ouvirdes dizer que sou santo, então louvarás o Senhor”.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Legenda Assidua - “Vida Primeira de Santo António” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa*. p.38.

<sup>41</sup> Juliano de Espira, “Vida Segunda” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa*. p.117.

<sup>42</sup> Juliano de Espira, “Vida Segunda” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa*. p.117.

Ao chegar à Ermida de Santo Antão dos Olivais, sob o seu patrono, Santo Antão - também designado de Sto. António do Deserto, ou Sto António Abade - tomou o nome de António, passado a ser chamado de Frei António, tal como indica a seguinte citação da Professora Maria Helena da Cruz Coelho: “Assim, após ter assistido no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra à emocionante receção das relíquias dos mártires franciscanos, mudou o nome para António e recolheu-se no ermitério de Santo António dos Olivais, donde, [...], partiu para Marrocos”.<sup>43</sup>

### 1.3. Frei António

Frei António partiu para Marrocos procurando o martírio que ansiava. Antes de deixar Portugal, voltou a Lisboa, descansando num local onde hoje está a Ermida de Nossa Senhora da Assunção e de Santo António do Vale, perto de Sta. Apolónia.

Portugal pode ter sido a “Nazaré” de Santo António, local onde “cresceu em sabedoria e graça” (Lc 2,52). O silêncio que viveu durante os tempos de São Vicente de Fora e de Coimbra, permitiu que Frei António pudesse mergulhar de uma forma mais profunda nos mistérios de Cristo. Assim explica a Professora Sirgado Ganho, falando das realidades divinas que alcançaram Frei António:

Encontramo-nos perante uma realidade difícil de expressar, por se situar para lá de uma revelação mediante a palavra. Como traduzir, em termos de linguagem, o mais íntimo, o oculto, o inefável, o misterioso, o silencioso? Não há dúvida que se abre aqui um caminho para o reconhecimento da realidade divina: o caminho místico. E é a mística que nos dá, em nosso entender, a verdadeira medida de Santo António, como tão bem mostrou Francisco da Gama Caeiro.<sup>44</sup>

Todavia a missão em Marrocos não foi como Frei António esperava, assim escreve Gama Caeiro, “A sua pregação não provoca qualquer impacto nos muçulmanos que o poderão ter contactado”<sup>45</sup>. Apanhado por uma dolorosa doença, fica em

---

<sup>43</sup> Cruz Coelho et al., *Mártires de Marrocos nos 800 anos do seu martírio. História, Espiritualidade e Materialidade*. p.129.

<sup>44</sup> Maria de Lourdes Sirgado Ganho, *Santo António de Lisboa: pensamento e devoção* (Lisboa: Chiado, 2022)., p.79.

<sup>45</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.432.

recolhimento, não podendo evangelizar como o seu coração lhe pedia. Esta situação é explicada pelo mesmo autor da seguinte maneira:

A desilusão de S. António, motivada pela doença (febre morbosa) que lhe proibiu identificar-se com um grande destino, possivelmente trágico, tinha o cunho do mais profundo sofrimento.<sup>46</sup>

O sofrimento de Santo António pode ter trazido uma nova verdade à sua vida tal como começa por explicar Agustina Bessa-Luís na sua biografia de Santo António: “os homens mais capazes de exprimir uma verdade são aqueles que, pelo sofrimento, fixaram a consciência numa relação que os ultrapassa”<sup>47</sup>. Muitas deveriam ser as perguntas do Santo ao ver-se impossibilitado de realizar a missão que tanto ansiava. Explica ainda Agustina Bessa Luís:

Decerto foi nesse tempo em que recuperava da febre morbosa de que sofreu, no tempo de convalescença em que a sensibilidade se torna mais aguda, que o Santo se conheceu profundamente. [...] Foi talvez nesse momento de difícil explicação que S. António meditou sobre a dor humana, “A própria dor é grande escravidão” - disse. Este belíssimo pensamento pode ter surgido da prisão em que viu o seu espírito e da incapacidade para se elevar acima dos seus próprios temores.<sup>48</sup>

Em Marrocos, Frei António recuperava das febres que o atormentavam. Ao iniciar a Primavera, perscrutando os acontecimentos, percebe que a vontade de Deus a seu respeito é outra e decide voltar à sua terra natal.<sup>49</sup> Ao voltar para Portugal, sofreu uma grande tempestade e o barco, pela Providência Divina, foi levado até Itália, desembarcando assim na Sicília.

A Ordem Franciscana começava a espalhar sementes por toda a Europa e o nome de Francisco de Assis começava a correr pelos corações, especialmente no de Frei António.

---

<sup>46</sup> Bessa-Luís, *Santo Antonio - Biografia.*, p.36.

<sup>47</sup> Bessa-Luís., p.36.

<sup>48</sup> Bessa-Luís., p.36.

<sup>49</sup> Cf. Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.443.

Pelo Pentecostes, iria acontecer o capítulo da Ordem Franciscana em Assis. António não hesitou e assim partiu até ao Capítulo das Esteiras<sup>50</sup>. O Capítulo é assim explicado pelo autor António Ferrante: “O capítulo teve lugar no bosque mais próximo da capela; o grande número de improvisados abrigos, cobertos de esteiras (*stuoie*), destinados a acolher os intervenientes, deu à reunião o seu nome característico”.<sup>51</sup>

Como alguns autores indicam, também Francisco de Assis terá participado neste encontro. O Frade Pedro Cattani, vigário até então, teria morrido e havia a necessidade de escolher um novo vigário para a Ordem Franciscana. São Francisco, sentindo-se doente, escolhera para seu Vigário Fr Elias, que presidia em todas as sessões do Capítulo.<sup>52</sup>

São Francisco de Assis ouvia atentamente o seu novo Vigário. Permanecendo ao seu lado, “puxava-lhe por vezes o cordão do hábito quando pretendia que Elias acrescentasse algo à pregação”<sup>53</sup>, fazendo crer a Frei António e a todos os irmãos frades que, mesmo apesar da fragilidade da doença, continuava ativo na evangelização dos homens.<sup>54</sup>

O encontro de Francisco de Assis com António, para romancistas históricos, é especialmente emotivo, pois pensar sobre um diálogo entre estes dois grandes vultos franciscanos sugere uma profundidade enorme. Pela veracidade histórica não temos a certeza que Francisco e António se tenham cruzado numa conversa. Nos milhares de frades que estavam presentes no capítulo, Frei António era só mais um, estando ele, “sozinho, abandonado, quase ignorado”<sup>55</sup>. A admiração deste homem para com Francisco de Assis era imensa, “os seus olhos devem ter-se fixado, [...] há tanto tempo, fizera o objeto da sua veneração, invocando tantas vezes o seu auxílio e considerando-o como mestre”.<sup>56</sup>

O recente martírio de franciscanos em Marrocos era assunto de júbilo no capítulo da Ordem, tema tão querido para Frei António. Assim é explicado pelo Padre Felix Lopes: “E era uma alegria imensa que se lhes abria no rosto. Deveras todos gozavam com a

---

<sup>50</sup> O nome de Capítulo das Esteiras nasce pela diversidade de esteiras que foram preparadas para receber os franciscanos.

<sup>51</sup> Ferrante, *António de Lisboa - O Santo de Pádua (1195-1231)*, p.74.

<sup>52</sup> Cf. Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico*, p. 106.

<sup>53</sup> Eça de Queiroz, *Santo António*, p.57.

<sup>54</sup> Cf. Eça de Queiroz., p.57.

<sup>55</sup> Ferrante, *António de Lisboa -O Santo de Pádua (1195-1231)*, p.77.

<sup>56</sup> Ferrante., p.77.

coragem dos Irmãos nos transe duros do martírio e com as maravilhas operadas por Deus em honra dos seus Santos”.<sup>57</sup>

No final do capítulo, em Assis, os frades partiram novamente para as suas terras de missão, ficando Frei António sem sítio para onde ir, pois sendo ele “um noviço, um desconhecido e de pouca valia, como era considerado não foi requisitado por nenhum dos ministros”<sup>58</sup>. Tendo pedido, diante do Frei Graciano<sup>59</sup> e do Ministro Geral da Ordem, a possibilidade de ser levado para a Romagna, para aí completar a formação necessária na Ordem Franciscana.

Na primeira biografia escrita sobre Santo António, o autor anónimo explica assim a sua ida para a Romagna:

Frei Graciano, cativado pela sua admirável devoção, anuiu aos desejos do varão de Deus e, uma vez recebido, levou-o para Romagna. Aqui, tendo o varão de Deus, por disposição do Senhor, chegado, obtida a licença, subiu devotamente ao ermo de Monte Paolo e, esquecidas as multidões do século, penetrou nos recantos mais íntimos da quietude.<sup>60</sup>

Assim, Frei António, numa cela construída para si, passava os seus dias em oração íntima com o Pai, levando consigo diariamente apenas um pouco de pão e uma bilha de água.

Os seus irmãos frades lembravam-lhe bandos de cotovias. Por isso Frei António queria voar assim, mais alto como eles. Isto é assim explicado pelo Padre Félix Lopes:

Lembravam-lhe bandos de cotovias chilreadoras sempre a voar para cima, enamoradas do Sol. E, olhando para si, com seus olhos de humildade, via-se trôpego, pesado, sem asas para aquele voo ligeiro com que os outros subiam a Deus em santa caridade. E ponderando consigo que seria o peso da terra e seus cuidados, o que lhe amarrava o espírito e o não deixava subir, a fim de ganhar liberdade de movimentos para também se erguer ao Alto, sentiu necessidade de aligeirar a alma, e habituar a vista até poder encarar em cheio o Sol.<sup>61</sup>

---

<sup>57</sup> Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico.*, p.107.

<sup>58</sup> Legenda Assidua - “Vida Primeira de Santo António” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões*, Sto António de Lisboa. p.39.

<sup>59</sup> Responsável pelos frades em Romagna, Itália.

<sup>60</sup> Legenda Assidua - “Vida Primeira de Santo António” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões*, Sto António de Lisboa. p.40.

<sup>61</sup> Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico.*p.111.

No silêncio do Monte Paolo, continuou Frei António até 1223, ano de partir até à cidade de Forli, para o Capítulo provincial, onde alguns frades iriam receber ordens sacras.

Assim, “querendo o Senhor exaltar no candelabro a lanterna que tinha acendido”<sup>62</sup>, partiu Frei António para Forli, não sabendo ele que estava perto de ser revelado aos seus irmãos confrades.

Durante o encontro destes frades, o Ministro do lugar pediu a vários frades pregadores que pudessem pregar durante o capítulo. Sendo recusado por todos, a Providência Divina fez os seus olhos voltarem-se para o humilde Frei António, que se achando incapaz de tal, quis recusar, mas inspirado pelo Espírito Santo, aceitou. Escreve a este propósito o professor Félix Lopes:

O Espírito Santo entrou [...], e dos seus lábios brotaram caudais de tanta eloquência, em frase tão rica e colorida, tão sentenciosa e acertada, que todos os presentes, pasmos, eram só ouvidos, presos que estavam no inspirador orador. Arroubara-os a profundidade da doutrina, a exposição clara, viva, ao natural, em expressões tão animadas de zelo que pareciam jorrar de fornalha ardente de caridade.<sup>63</sup>

Começavam, assim, a florescer os frutos que tanto tempo estiveram a amadurecer em Lisboa, Coimbra e Forli. Assim “germinam as sementes enterradas no solo estrumado”<sup>64</sup>, como uma “fornalha [...] que quanto mais tempo esteve fechado tanto mais fortemente irrompeu para abrasar os corações de todos”.<sup>65</sup>

Frei António, é assim, convidado a deixar o ermitério do Monte Paolo e sustentado pela obediência e guiado pela Providência Divina, foi pela província da Romagna pregando o Santo Evangelho.

Santo António era um irmão pouco conhecido entre a Ordem até ao momento da sua revelação em Forli. No fim de 1220 deixara a sua Pátria para seguir as pisadas de Francisco de Assis. Ouvira falar deste homem desde os tempos do Mosteiro de Santa Cruz

---

<sup>62</sup> Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.245.

<sup>63</sup> Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico.*, p.114.

<sup>64</sup> Pedro Raymond de Saint Romain, “Legenda Raimondina” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.* p.246.

<sup>65</sup> Pedro Raymond de Saint Romain, “Legenda Raimondina” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.* p.245.

de Coimbra quando recebeu a visita dos futuros mártires de Marrocos. Viu-o pela primeira vez no Capítulo das Esteiras, em Assis, quando chegou a Itália.

Francisco de Assis não o conhecia, mas após a sua revelação, o nome de António passou a ser mencionado entre os irmãos Franciscanos. Entre os fins de 1223 e os inícios de 1224, Francisco de Assis, sabendo da sabedoria de Frei António, escreve-lhe:

*Fratri Antonio episcopo meo frater Franciscus salutem. Placet mihi quod sacram theologiam legas fratribus, dummodo inter huius studium orationis et devotionis spiritum non extinguas, sicut in regula continetur.*

(A Frei Antônio, meu bispo, Frei Francisco envia saudações. Aprovo que ensines Sagrada Teologia aos frades, contanto que neste estudo não extingas o espírito da oração e devoção, como é estabelecido na regra.)<sup>66</sup>

Francisco de Assis chamando-lhe “de meu bispo”, reconheceu bem quem era Frei António, ao conceder-lhe a missão de ensinar. O silêncio que tinha vivido durante a sua vida dera-lhe a espiritualidade necessária para ser o frade completo que se tornava, sendo o homem que Francisco precisava. Assim explica o Padre Rema:

Na força dos seus trinta anos, António vai mostrar ao mundo aquilo para que Deus o destinara após tão longa e profunda preparação no silêncio, na obscuridade, no estudo e na oração. Conhece as ciências da época, muito em especial a Sacra Página, tem a experiência da vida religiosa agostiniana e franciscana e sente a ânsia de levar os homens para Deus, segundo o jeito do viver evangélico dos Frades Menores.<sup>67</sup>

São Francisco na carta que escreveu, destina-a a “Frei António, meu bispo”. Como sabemos, Santo António nunca foi bispo, mas esta forma de tratamento era algo comum na época, pois: “os documentos da Idade Média dão por vezes aos monges missionários o nome de bispos, que é como diz pregadores autorizados. É deste modo que são honrados com o título de episcopi simples sacerdotes”.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup>Cit. Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.160.

<sup>67</sup> Rema., p.159.

<sup>68</sup> Rema., p.160.

Frei António começa por ensinar em Bolonha. Tomás Gonçalves explica assim este início da sua vida como professor:

É natural que fosse em Bolonha, e na célebre casa de estudos edificada por Frei Pedro de Stacia, que o santo exerceu magistério, e disto dão testemunho direto autores antigos, que desta forma preenchem o laconismo de outros biógrafos. [...] Uma vez lançado no ardor da luta pela pregação, não lhe sofria o ânimo permanecer muito tempo no remanso de seu convento, entregue exclusivamente à plácida atividade do ensino. Alternava este com a pregação ao povo, por cidades e aldeias. Além dos sermões em pública igreja ou praça, costumavam os Missionários desse tempo fazer, só para o clero, conferências sobre a Sagrada Escritura. Tais conferências revestiam o carácter de verdadeiras lições de Teologia.<sup>69</sup>

Sendo o primeiro Mestre de Teologia da Ordem, torna-se numa das figuras influentes entre a comunidade franciscana.

Em 1225, parte para França. No capítulo provincial de Narbona, é nomeado guardião do convento de Puy e em 1226, no mesmo capítulo, é nomeado Custódio de Limoges. Neste novo país que o acolhe, não eram só as palavras que faziam maravilhas nos corações, mas também os milagres que começavam a ser muitos.

Certo dia ficou de pregar em noite de Quinta-feira Santa na Igreja de São Pedro de Quatro-Caminhos em Limoges, enquanto se tinha comprometido a ler ao mesmo tempo uma das leituras nas Matinas no Convento dos Irmãos Franciscanos. Os frades sabiam da pregação de Frei António na Igreja de São Pedro, mas no momento da sua leitura no coro junto dos Frades, eis que Frei António apareceu e leu a leitura que lhe estava reservada. Assim está indicado na obra que contém os inúmeros milagres de Santo António - "*florinhas de Santo António*" escrita por um autor anónimo - "prosseguindo os frades na salmodia, chegaram à lição (leitura) que Santo António havia de cantar, e ei-lo que subitamente aparece no meio do coro e começa de entoar solenemente a lição"<sup>70</sup>. Para surpresa de todos, "e enquanto demorou no coro dos frades, esteve no púlpito, calado, em silêncio, à vista de toda a gente".<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> Tomás Gonçalves, *Vida de Santo António de Lisboa.*, p.116.

<sup>70</sup> Santo António, *Florinhas de Santo António de Lisboa*, 7º (Editorial Franciscana, 2019)., p.332.

<sup>71</sup> Santo António., *Florinhas de Santo António de Lisboa*, p.90.

Nesse mesmo ano, em 1226, morreu Francisco de Assis, tendo sido a sua morte noticiada através de uma carta escrita por um dos seus frades.

A carta com a triste notícia é remetida por frei Elias: “Sai um gemido do meu coração. Aquele que era a nossa consolação foi para muito longe... Orai todos para que o Senhor, o grande e divino oleiro, se digne plasmar para nós outra alma tão merecedora de amor como ele, que saiba presidir à multidão dos seus filhos e nos preceda na batalha”.<sup>72</sup>

Após a morte de Francisco de Assis, realizou-se no Pentecostes seguinte o primeiro grande capitulo-geral onde se decidiria quem seria o sucessor de Frei Francisco. Frei António, como irmão dedicado que era à sua ordem, deixou França e partiu para Assis.

Ao passar por Roma, todos se impressionavam com a sua fascinante pregação. Na segunda biografia de Santo António, escreve Juliano de Espira: “na verdade, sabia explicar com palavras simples os temas mais difíceis, como talhando em fios as lâminas de ouro”<sup>73</sup>. O Santo Padre, Gregório IX espantava-se com a forma prodigiosa que pregava, chamando-lhe “Arca do Testamento”. Assim explica Tomás Gonçalves acerca da surpresa do Papa Gregório IX:

Espantado da prodigiosa abundância de textos da Escritura que o santo manejava com suma facilidade e propósito o cognominou Arca do Testamento, afirmando com hiperbólica admiração que, se viesse a perder-se o Texto Sagrado, a memória de António poderia reparar tamanha perda!<sup>74</sup>

Em 1227, perto do Pentecostes, parte Frei António para Assis, onde Frei João Parenti é escolhido como primeiro sucessor de Francisco de Assis. Neste encontro da Ordem Franciscana, também frei António é nomeado como Superior da Província da Lombardia, sendo dispensado de Limoges, regressando definitivamente a Itália.

Estes tempos nas terras italianas são assim explicados por Tomás Gonçalves:

---

<sup>72</sup> Eça de Queiroz, *Santo António*., p.94.

<sup>73</sup> Juliano de Espira, “Vida Segunda” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa*., p.116.

<sup>74</sup> Tomás Gonçalves, *Vida de Santo António de Lisboa*., p.140.

Destinado pela Providência para defensor da Palavra evangélica, não podia largar mão dessa vocação primária. E assim, percorrendo os territórios de sua Província, onde quer que se lhe deparava ocasião, prosseguia na pregação, no combate dos hereges, na correção dos costumes. Por vezes detinha-se algum tempo nos conventos, e logo abria um, curso abreviado mais intenso de Sagrada Escritura.<sup>75</sup>

Em Rimini, uma cidade italiana, os pregadores não eram homens estranhos, por lá passavam muitos a pregar o nome de Jesus. Por isso: “Os riminenses andavam fartos de aturar pregadores. Pouco havia, passara entre eles Santo Aldebrando, e a sua palavra austera tanto lhes doera, que acabaram por se amotinar”.<sup>76</sup> E assim aconteceu com Frei António. Não se amotinaram, mas não lhe deram muita importância. Por os homens não o ouvirem, foi este servo de Deus pregar aos peixes de Rimini. Este milagre é assim explicado pelo franciscano Fernando Félix Lopes:

Deu de acudir à praia, mesmo ao sítio onde o Santo se encontrava, tamanha multidão de peixes como nunca ali se vira. E todos eles erguiam a cabeça ao lume de água, e se quedavam atentos, em muita paz e mansidão, e em boa ordem. [...] começou o Santo solene sermão: «Peixes, meus irmãos, é vossa obrigação render graças ao Criador, na medida das vossas posses. Ele deu-vos para morada tão nobre elemento, a água doce e salgada; e, nela, quantos abrigos para fugirdes a perigos e tempestades. Límpida e transparente a água que vos deu para vivenda, a fim de verdes o caminho a andar e os manjares a comer. Generoso e benigno, quando foi da criação, com sua bênção vos deu preceito de vos multiplicardes.<sup>77</sup>

Prega por diversas cidades italianas até chegar a Pádua, cidade que o iria ver nascer para a vida eterna. Até então foi de cidade em cidade, desde Ravena, Aquileia, Trieste, Gorícia, Udina, Pola, e outras<sup>78</sup> pregando sem cessar e vivendo de uma forma completa o “Ai de mim se não evangelizar” (1 Cor 9,16).

As pregações de Frei António eram escutadas por muitos. Assim é escrito por um autor anónimo na *Legenda Assidua*, primeira biografia de Santo António:

---

<sup>75</sup> Tomás Gonçalves., p. 141.

<sup>76</sup> Félix Lopes, *Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico.*, p. 131.

<sup>77</sup> Félix Lopes., p.132.

<sup>78</sup> Cf. Tomás Gonçalves, *Vida de Santo António de Lisboa.*, p. 141.

Compareciam os velhos, acorriam os novos, homens e mulheres simultaneamente, de toda a idade e condição. [...] Todos e cada um escutavam com tão grande desejo o que dizia que, não obstante muitas vezes, como consta, assistirem à pregação trinta mil homens, nem sequer se ouvia um sinal de clamor ou murmúrio de tão grande multidão; pelo contrário, num silêncio prolongado, como se fora um só homem, todos escutavam o orador com os ouvidos da mente e do corpo atentos. [...] Chamava os desavindos à reconciliação fraterna; prendava os cativos com a liberdade.<sup>79</sup>

Depois de Gemona, foi até Terviso e ainda pregou em Veneza. Em Pádua pregou durante a Quaresma de 1228, partindo para Bolonha e Florença onde pregou o Advento e a Quaresma de 1229.<sup>80</sup> Volta a Bolonha e prega em Milão. Ainda antes de voltar para Pádua em 1229, prega por Bérghamo, Bréscia e Brachiglione. À medida que pregava, iam escrevendo os seus sermões dominicais, marianos e festivos. Os sermões foram escritos nos últimos anos da sua vida, sendo destinados ao estudo teológico dos seus irmãos frades.

Eram muitos os desafios de Frei António na luta contra as heresias ou até contra os desentendimentos dos homens. Frei António, com as suas palavras, convertia os corações dos homens e das mulheres, tal como indica Tomás Gonçalves: “Das cidades, das praças fortes e aldeias, vinha uma multidão quase inumerável, de um e outro sexo, todos com suma devoção, sequiosos da palavra da vida, pondo a sua salvação com firme esperança na sua doutrina”.<sup>81</sup>

Certo dia, enquanto descansava em casa de seu amigo, o conde Tiso, deu-se um milagre. O milagre é assim explicado na *Legenda “Assidua”*, primeira biografia de Santo António:

Ora, estava o Santo recolhido e só em seus aposentos, quando o senhor fidalgo [...] levado por devota curiosidade espreitou para dentro, [...] E o que haviam de ver os seus olhos! Um Menino mui formoso e alegre nos braços de Santo António, e o Santo a contemplar-lhe o rosto, apertá-lo ao peito e a cobri-lo de beijos. Ficou maravilhado o

---

<sup>79</sup> *Legenda Assidua* - “Vida Primeira de Santo António”, Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.46.

<sup>80</sup> Cf. Tomás Gonçalves, *Vida de Santo António de Lisboa.*, p. 142.

<sup>81</sup> *Legenda Assidua* - “Vida Primeira de Santo António” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.* p. 45.

fidalgo com a formosura do Menino, e todo se espantava não atinando como explicar donde teria vindo para ali criança tão graciosa e tão bela. E o Menino, que outro não era senão o Senhor Jesus, revelou a Santo António que seu hospedeiro o estava espreitando.<sup>82</sup>

Em 1231, no silêncio da oração, longe dos aplausos dos homens e com o coração mergulhado em Cristo, morre para a vida terrena e nasce plenamente para aquilo que sempre pregou. E mesmo no leito da morte, não deixou de pregar, entoando nos seus últimos suspiros um hino mariano.

Morre em Pádua a 13 de Outubro de 1231, sendo canonizado a 30 de Maio do ano seguinte pelo Papa Gregório IX, o mesmo que o apelidara anos antes, “Arca do Testamento”.

---

<sup>82</sup>“Livro dos Milagres” in Correia Pereira, Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa. p.343.

## II. NOSSA SENHORA NOS *SERMÕES* DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

No capítulo em estudo irá ser realizada uma exposição sobre os sermões de Santo António. No primeiro ponto será concretizada uma explanação e contextualização dos vários sermões de Santo António. No ponto segundo, o estudo focar-se-á na estrutura literária dos sermões. E no terceiro ponto, o estudo focar-se-á em dois dos sermões marianos de Santo António: O Sermão da Natividade de Maria Virgem Santíssima e o Sermão da Anunciação de Maria Virgem Santíssima. Assim explica o Padre Rema ao comentar os sermões marianos de Santo António,

Encontramos nada menos que quatro sermões (ou capítulos, se se preferir) sobre Maria Santíssima: Natividade; Anunciação; Purificação; Assunção. Este Opus inicia-se pelo Domingo da Septuagésima (quando na liturgia da época se começava a ler o Génesis) e estes quatro sermões intercalam-se entre o décimo segundo e o décimo terceiro domingo depois do Pentecostes. Nos sermones Festivi inclui mais dois: um sobre a Purificação e outro sobre a Anunciação. Os especialistas encontraram mais dezoito sermões menores sobre Nossa Senhora, espalhados por aqui e por ali, incluindo um de nove páginas em apenso ao terceiro domingo da Quaresma, e outro de três páginas no sermão do Natal.<sup>83</sup>

### 2.1. Visão geral dos *Sermões* de Santo António de Lisboa

Com o crescimento das cidades urbanizadas no século XIII, a Igreja teve a necessidade de reagir às correntes que, de alguma forma, atacavam a velha Cristandade. Todavia, a fraca formação do clero, bem como a falta de cultura dos crentes, levantavam grandes obstáculos à defesa e propagação da fé católica.

A autora Émili Feitosa Olenchu<sup>84</sup>, num estudo sobre os sermões de Santo António, explica:

Diante desse cenário, a exigência de uma formação teológica mais sólida a fim de se combater os hereges era estritamente necessária visto que quando o erro é dogmático, não

---

<sup>83</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.156.

<sup>84</sup> Doutoranda em Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

pode ser vencido com exortações piedosas, mas com uma adequada formação teológica. A Igreja, contudo, precisava evitar os erros cometidos com os movimentos precedentes, os quais ou se monastizaram ou, em sua radical luta contra a situação do clero, se constituíram grupo herético.<sup>85</sup>

Frei António foi então solicitado pelo Fundador da Ordem - Francisco de Assis- para formar os frades franciscanos, educando-os na arte de pregação. Foram cinquenta e três *Sermones Dominicales* e vinte *Sermones Festivos* que escreveu para ensinar os seus confrades.

A escrita antoniana é marcada pelo vasto uso da Escritura, sendo reflexo do amplo conhecimento que Santo António tinha da mesma. A escrita do “Doutor Evangélico” é assinalada de forma especial pela “arte da sedução”, como indica o autor Henrique Pinto Rema:

Para atrair as pessoas à leitura ou à escuta da Palavra de Deus, Santo António de Lisboa recorre à arte de sedução. [...] As definições de nomes pelo recurso à etimologia e a exposição de naturezas de animais e plantas constituíam artifícios do sermão medieval para captar o interesse dos ouvintes.<sup>86</sup>

Assim, encontrou Santo António uma forma de poder instruir mais apelativamente os sermões aos frades que ensinava. Os seus ensinamentos eram marcados por fontes bíblicas e patrísticas, sendo a sua elaborada e refinada formação, o grande pilar de todos os seus sermões.

Os *Sermões* de Santo António estão compostos por seis mil citações da Sagrada Escritura, “do Antigo (cerca de duas mil e setecentas) e [...] do Novo (cerca de duas mil e quatrocentas)”<sup>87</sup>. Nas páginas de Frei António a verdadeira ciência, aquela que para Santo António valia a pena saber era a da Sagrada Escritura, ou seja, a doutrina que se extrai da página divina”.<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup> Émili Feitosa Olenchuk, «Os Sermões De Santo Antônio De Pádua: Análise De Alguns Elementos Retóricos», sem data, [https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529804547\\_ARQUIVO\\_emilyfeitosa.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529804547_ARQUIVO_emilyfeitosa.pdf), p.1.

<sup>86</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.239.

<sup>87</sup> Rema., p.239.

<sup>88</sup> Francisco Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa* (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990)., p.23.

No Sermão do XV Domingo depois do Pentecostes, Frei António faz um comentário ao seguinte versículo: “Considerai, como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. E digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu jamais como um deles” (Mt 6, 28-29). Na análise do mesmo, podemos reparar a forma como Santo António relaciona o Antigo Testamento com o Novo Testamento. Damos agora a palavra a Santo António:

Que púrpura de reis ou pintura de tecelões se pode comparar às flores? A própria cor chama-se cobertura de flores, tal como dizemos: O rubor cobriu-o. Salomão que floresceu como ninguém, em toda a sua glória não se vestiu como uma destas flores. Não pode vestir-se da cor nívea da açucena, nem da cor rósea da rosa, e o mesmo se diga das restantes flores. [...] Nos lírios há três propriedades: medicina, candor e perfume. A medicina está na raiz, o candor e o perfume na flor. Simbolizam os penitentes, pobres de espírito, que mortificam o corpo com seus vícios e paixões, que possuem a humildade no coração para reprimir o tumor da soberba, o candor da castidade no corpo e o perfume da boa reputação. Chamam-se lírios do campo, não do deserto ou do jardim. Num campo notam-se duas coisas: a solidez da santidade e a perfeição da caridade. O campo é o mundo, em que manter a flor é tão difícil como glorioso. No deserto florescem os eremitas, que se acautelam do convívio humano. Florescem em jardim fechado os claustrais, de que a humana guarda os acautela. Mas é mais glorioso para os penitentes florescer no campo, no mundo, onde facilmente perece a dupla graça da flor, a saber, a beleza da boa vida e o perfume da boa opinião. Por isso, Cristo gloria-se de ser flor do campo, quando diz nos cânticos (Cant 2, 1): Eu sou a flor do campo. Também Maria Santíssima sua Mãe, pode gloriar-se de não ter perdido no mundo a flor, não tendo sido, todavia, nem reclusa nem monja, reputando mais glorioso o florescer no mundo, do que em jardim ou deserto.<sup>89</sup>

A escrita de Frei António compunha-se do uso substancial e inteligente de metáforas, sabendo perfeitamente e de forma quase melodiosa relacioná-las com as várias citações bíblicas. As metáforas usadas por Santo António na exegese têm o objetivo de fazer a explicação de um conceito através de expressões de linguagem comparativas entre si, como por exemplo a seguinte explicação da virgindade de Nossa Senhora comparando-a com o cheiro das flores: “Assim como estas plantas, exalando suavíssimo cheiro, a sua

---

<sup>89</sup> Santo António, “Sermões – XV, Domingo depois do Pentecostes”, in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.272.

flor não se corrompe, também Maria Santíssima, dando à luz o Filho de Deus, permaneceu virgem”.<sup>90</sup>

As fundamentações bíblicas de Santo António basearam-se, sobretudo, em dois aspetos, na sua memória e na Glosa Ordinária<sup>91</sup>, de Walafrido Strabão<sup>92</sup>, como vem indicado na seguinte citação,

Santo António certamente estudou a Bíblia, e muito a fundo, mas na hora da redação dos sermões, além de recorrer à sua poderosa memória, poderá ter presente uma das muitas concordâncias bíblicas. A Glosa Ordinária, de Walafrido Strabão (808-849), citada expressamente por Santo António uma centena de vezes, constitui, com certeza, uma das principais ferramentas presentes na elaboração da sua obra. As glossas eram, de facto, muito usadas nas escolas monacais e episcopais da Idade Média e serviram de base a todas as interpretações da Bíblia.<sup>93</sup>

Santo António não era especialista apenas nas “Sacras Páginas”, como também em alguns autores da Patrística. A formação antoniana foi marcada pela escola francesa de São Vítor, como define o Padre Rema: “Com alguma probabilidade, os cónegos regrantes de Coimbra que estudaram em Paris terão frequentado a abadia dos Cónegos Regrantes de São Vítor de Paris.”<sup>94</sup> A Escola de São Vítor era a grande escola de teologia da época. O Papa Bento XVI explica assim a sua matriz teológica:

A abadia de São Vítor, em Paris, foi fundada no início do século XII por Guilherme de Chapeaux. O próprio Guilherme foi mestre renomado, que conseguiu dar à sua abadia uma sólida identidade cultural. Em São Vítor, de facto, foi inaugurada uma escola para a formação dos monges, aberta também a estudantes externos, na qual se realizou uma síntese feliz entre os dois modos de fazer teologia [...]: isto é, a teologia monástica, orientada sobretudo para a contemplação dos mistérios da fé na Escritura, e a teologia escolástica, que utilizava a razão para procurar perscrutar estes mistérios com métodos inovadores, e criar um sistema teológico. [...] A ciência da qual se ocupam os filósofos e os teólogos chamados Vitorianos é de modo particular a teologia, que exige antes de tudo o estudo amoroso da Sagrada Escritura. [...] Neste sentido, Hugo

---

<sup>90</sup> Santo António, “Sermões – Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1512.

<sup>91</sup> Glosa Ordinária são comentários bíblicos que foram compilados por vários autores, especialmente pelos padres da Igreja e outros autores posteriores.

<sup>92</sup> Walafrido Strabão foi um monge franco que viveu no século IX. Como teólogo escreveu inúmeros comentários à vulgata, donde nasceu a sua glosa.

<sup>93</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos*.. p.241.

<sup>94</sup> Rema., p.244.

de São Vítor é um típico representante da teologia monástica, totalmente fundada na exegese bíblica. Para interpretar a Escritura, ele propõe a tradicional articulação patrístico-medieval, ou seja, em primeiro lugar o sentido histórico-literal, depois o alegórico e anagógico, e por fim o moral. [...] Para Hugo de São Vítor, o estudo da Sagrada Escritura e do seu significado histórico-literal torna possível a teologia verdadeira, isto é, a ilustração sistemática das verdades, conhecer a sua estrutura, a explicação dos dogmas da fé, que ele apresenta numa síntese sólida no tratado *De Sacramentis christianae fidei* (Os sacramentos da fé cristã), onde se encontra, entre outras, uma definição de "sacramento" que, aperfeiçoada ulteriormente por outros teólogos, contém aspectos ainda hoje muito interessantes.<sup>95</sup>

Na fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, muitas das obras usadas pelos cónegos regrentes, nos campos da formação, vinham do Mosteiro de São Rufo de Avinhão em França, tal como indica o Professor Santos Carvalho:

Dotaram-se de vários códices que foram granjear ao Mosteiro de São Rufo de Avinhão. Pelo teor destas obras, percebe-se que estavam orientadas para auxiliar a vivência dos cónegos nas suas várias actividades, como a *lectio divina*, a exegese bíblica e vivência litúrgica. Complementaram estes textos com outros de sabor enciclopedista, em que pontificavam vários autores patrísticos, como Santo Isidoro de Sevilha ou São Beda Venerável, mas também autores seus contemporâneos, como Santa Hildegarda de Bingen, que veiculavam um ideário simbolista e espiritualista. [...] Na espiritualidade e na teologia, foram vários os autores que marcaram a sua presença, mas com especial destaque para Hugo de São Victor [...].<sup>96</sup>

O estudo da patrística, fornecido durante a sua formação, inspirou-o na forma de escrever os seus sermões. Os três padres mais presentes na obra de António foram Santo Agostinho, São Gregório Magno e São Bernardo Claraval. Santo Agostinho é citado sessenta e cinco vezes; são citadas oito obras de São Gregório Magno, e São Bernardo Claraval, é igualmente, mencionado inúmeras vezes.

Outros Padres que também estão presentes nas obras de Santo António são, por ordem cronológica: Orígenes, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo, São Jerónimo, o

---

<sup>95</sup> Papa Bento XVI, «Audiência Geral - Hugo e Ricardo de São Vítor» (Cidade do Vaticano, 2009), [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20091125.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091125.html).

<sup>96</sup> Santos Carvalho, Jorge Miguel, *O Mosteiro de Santa Cruz na emergência de Portugal - As relações com o Poder Régio e com o Papado* p.79.

romano, Cassiodoro, Santo Isidoro, São João Damasceno, São Beda, o alemão Rábano Mauro e Pedro Lombardo.

Por tudo isto, pelo ardor evangélico profundamente mergulhado no conhecimento Bíblico, Pio XII, em 1946, escreve o documento *Exulta Lusitana Félix*, onde declara Santo António como Doutor da Igreja:

Ademais, como António costumava confirmar as suas palavras com passos e sentenças do Evangelho, com pleno direito merece o título de “Doutor Evangélico”. De facto, de seus escritos, como de fonte perene de água límpida, não poucos Doutores e Teólogos e oradores sacros têm extraído, e podem continuar a extrair, a sã doutrina, precisamente porque veem em António o mestre e o doutor da Santa Mãe Igreja<sup>97</sup>.

## 2.2. Estrutura dos *Sermões* de Santo António de Lisboa

Os *Sermões* de Santo António seguem o modelo e a técnica da retórica de então: tema, pro tema, divisão, explanação e conclusão. Ainda assim, o Santo reinventava a forma de escrever, tal como indica a especialista medieval Prof<sup>a</sup> Beryl Smalley citada por Gama Caeiro na sua obra:

A eminente especialista do sermonário medieval Prof<sup>a</sup>. Beryl Smalley, em comunicação apresentada ao já aludido congresso de Pádua de 1981 (nas respetivas actas: «The use of Scripture in St. Antony’s Sermones) veio sublinhar a originalidade da obra do Santo, o qual, sem deixar de se inserir, quanto ao uso da Escritura, numa linha de tradição e de técnica que teria à sua disposição, empregou, não obstante, uma forma *sui generis* nos sermões, que não é reencontrável, nesses moldes, em nenhuma das fontes literárias aí utilizadas, nem tão-pouco se encontra qualquer precedente deste género na Ordem Franciscana.<sup>98</sup>

Santo António concedeu aos sermões uma originalidade na sua composição, escrevendo-os sobre quatro principais matérias, chamando a esta organização quadriga. Assim indica no prólogo dos seus sermões,

---

<sup>97</sup> Pio XII “Carta Apostólica – Exulta, ó feliz Lusitania” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões*, Sto António de Lisboa., p. 493.

<sup>98</sup> Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa.*, p.22.

E como na quadriga há quatro rodas, assim nesta obra se versam quatro matérias, a saber, os Evangelhos dos domingos, factos históricos do Velho Testamento, tais quais se leem na Igreja, os introitos e as Epístolas da missa dominical. Coligi estas matérias e concordei entre si, segundo o que me concedeu a graça divina e consentiu a frágil veia da minha ciência pequenina e pobrezinha, recolhendo com a moabita Rute, no campo de Booz, por detrás dos ceifeiros, as espigas deixadas. Fi-lo com medo e pudor, porque me sentia insuficiente para tamanha e inoportável responsabilidade; venceram-me, porém, os pedidos e o amor dos confrades, que a tal empresa me impeliam. E para que a vastidão do assunto e a variedade das concordâncias não gerasse a confusão e o esquecimento no espírito do leitor, dividimos o Evangelho em cláusulas, conforme Deus nos inspirou, e com cada uma delas fazemos concordar as partes do facto histórico e as da Epístola.<sup>99</sup>

Todos os seus sermões tinham por base um tema, geralmente o Evangelho do Domingo ou da festa em causa, sendo desenvolvidos depois por subtemas. No Domingo de Pentecostes, o tema é o evangelho do dia que se desenrola pelos seguintes cinco subtemas: Exórdio. O Espírito Santo e a propriedade do crisólito; I- A inspiração da graça do Espírito Santo aos Apóstolos em línguas de fogo; II- A infusão do Espírito Santo e a ressuscitação da alma; III – A penitência para os religiosos; IV – A confissão do louvor e do crime; V – Os frutos da graça do Espírito Santo. No sumário de apresentação dos sermões, tais subtemas são explicados e resumidos em curtas frases:

Epistola no dia santo do Pentecostes. Divide-se em cinco cláusulas. Em primeiro lugar, um sermão acerca do mesmo Espírito Santo e sobre a propriedade do crisólito: O espírito de vida estava nas rodas. 1- Um sermão na solenidade do mesmo Espírito Santo: *Já tinha chegado o terceiro dia*. As três línguas, a da serpente, a de Eva e a de Adão, e as quatro naturezas do fogo e seu significado; 2- Um sermão sobre a infusão do Espírito Santo e a ressurreição da alma, as quatro partes do mundo e seu significado: *Veio da parte dos quatro ventos*. Um sermão acerca de Noé e dos seus cinco compartimentos e do significado deles: *A arca de Noé*. Um sermão sobre os cinco sentidos do corpo, sua disposição, propriedade e significado: *O primeiro compartimento é a estrumeira*; 3- Um sermão sobre o tríplice género de som e seu significado: *Ouviu-se de repente*. Um sermão aos penitentes e aos religiosos: *Já chegara ao terceiro dia*. Sobre a propriedade da terra e seu significado: *O espírito do Senhor encheu o orbe*; 4- Um sermão sobre a penitência, manifestação das circunstâncias do pecado e ardor da satisfação; sobre a propriedade da língua, sua disposição e significado: *E apareceram-lhes repartidas umas como línguas.*; 5- Um sermão

---

<sup>99</sup> Santo António, “Sermões – Prólogo” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.504.

acerca do envio do Espírito Santo: Enviou fogo do alto; e: *O Senhor trouxe fogo sobre a terra*. Um sermão contra aqueles que pregam muito e pouco nada praticam: *Começaram a falar várias línguas*.<sup>100</sup>

A Obra de Santo António é pautada por um discurso simples de modo a ser mais perceptível pelos seus frades. As suas introduções são sempre bastante longas, pois têm a missão de preparar bem os leitores antes de mergulhar no Evangelho em estudo.

O Domingo de cada semana dá o nome ao sermão. O tema escolhido pelo Doutor da Igreja é, habitualmente relacionado com o Evangelho do dia, já o protema é relacionado com uma frase do Antigo Testamento, onde, através dela, vai sendo permitido explicar os ensinamentos que Santo António quer transmitir aos seus frades. Assim indica o professor Gama Caeiro na seguinte citação:

Os assuntos do protema são variadíssimos: insiste muitas vezes no combate aos maus eclesiásticos, prelados, religiosos e sacerdotes, expondo os seus deveres, dá conselhos aos pregadores, e alude na pregação aos vícios, de modo geral, ou, em especial, ao combate aos soberbos, avarentos, luxuriosos, ímpios, detractores, ingratos e pusilânimes.<sup>101</sup>

Após o protema, Santo António divide todo sermão em várias partes, às quais chama, cláusulas. Assim explica o professor Gama Caeiro:

Quando o tema dava para tal, era a sua matéria dividida em partes com certa ligação entre si, a que o Santo chamou cláusulas, de número maior ou menor, conforme a necessidade [...] Estas cláusulas eram novos sermões mais simplificados, partindo cada um do seu tema, quase sempre diverso do tema geral, mas, no contexto de cada uma, havia ligações ou concordâncias com esse mesmo tema geral.<sup>102</sup>

### **2.3. Sermões Marianos de Santo António de Lisboa**

Santo António escreveu quatro sermões dedicados a quatro festas marianas: Natividade de Maria Virgem Santíssima; Anunciação de Maria Virgem Santíssima; Purificação de Maria Virgem Santíssima e Assunção de Maria Virgem Santíssima. No

---

<sup>100</sup>Santo António, “Sermões – VI Domingo depois da Páscoa” in Correia Pereira., p.857.

<sup>101</sup> Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*., p.25.

<sup>102</sup> Gama Caeiro., p.25.

prólogo dos seus sermões marianos explica a figura de Nossa Senhora com as seguintes palavras:

Como a estrela da manhã, no meio da névoa, e como lua cheia, brilha durante a sua vida. E é como sol refulgente. É como um arco-íris que reluz entre as nuvens de glória, e como a flor da rosa nos dias da primavera, e como os lírios que estão junto da corrente da água, e como o incenso que exala fragância na estação do estio; como o fogo refulgente e o incenso que arde no fogo; como um vaso de ouro maciço ornado de toda a casta de pedras preciosas [...].<sup>103</sup>

Assim, cada frase do texto acima citado dá tema aos quatro sermões marianos de Santo António. Tal como está indicado no prólogo aos quatro sermões para as festas de Maria Virgem Santíssima:

Sermão para a Natividade: *Como a estrela da manhã, no meio da névoa, e como lua cheia, brilha durante a sua vida.* Para a Anunciação: *E é como sol refulgente, como um arco-íris que reluz entre as nuvens de glória.* Para o Natal do Senhor: *É como a flor da rosa nos dias da primavera e como os lírios que estão junto da corrente da água.* Para a purificação: *É como o incenso que exala fragância na estação do estio; como o fogo refulgente e o incenso que arde no fogo;* Para a Assunção: *É como um vaso de ouro maciço etc.*<sup>104</sup>

Conduzidos por estas frases, iremos analisar dois desses quatro sermões que Santo António escreveu sobre a Virgem Maria: A Natividade de Maria Virgem Santíssima e a Anunciação a Maria Virgem Santíssima.

### **2.3.1. Sermão Mariano – “Natividade de Maria Virgem Santíssima”**

Santo António, no exórdio do seu primeiro sermão mariano, compara metaforicamente Nossa Senhora à estrela da manhã, desenvolvendo este mesmo tema ao

---

<sup>103</sup> Santo António, “Prólogo aos quatro sermões para as festas de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.1493.

<sup>104</sup> Santo António, “Prólogo aos quatro sermões para as festas de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1493.

longo do sermão: “Como a estrela da manhã, no meio da névoa, e como lua cheia, brilha durante a sua vida”.<sup>105</sup>

No sumário do mesmo, indica que fará na clausula seguinte um breve sermão relativo à penitência com o protema: “E subirá uma flor da sua raiz”.

Continuando no estudo do exórdio, Santo António começa por citar o texto de Eclesiástico: “A Beleza do céu é a glória das estrelas, que ilumina o mundo” (Ecl 43, 10). Começa por destacar algumas particularidades que admiravelmente nasceram com a Virgem Maria: “A beleza do céu; A glória das estrelas; Que ilumina o mundo”.

O Doutor da Igreja explica que no dia do nascimento da Virgem Santíssima os anjos cantaram admiravelmente a “beleza do céu” para o Senhor. As vozes angélicas teriam sido ouvidas por um homem santo, sobre o qual Santo António escreve:

Lê-se que um homem santo, mergulhado em devota oração, ouviu a doce melodia dum canto angélico no céu. Passado um ano, no mesmo dia, voltou a ouvi-lo e perguntou ao Senhor que lhe revelasse o que vinha ser aquilo. Foi-lhe respondido que nascera Maria Santíssima. Por esse motivo, os Anjos no céu cantam louvores ao Senhor. Esta razão de se celebrar nesse dia a Natividade da gloriosa Virgem.<sup>106</sup>

No segundo ponto do exórdio, António explica a “pureza”, como uma particularidade da Virgem Maria. Para tal usa uma segunda palavra do texto do Eclesiástico ao mesmo tempo que cita a Primeira Carta aos Coríntios “Assim como uma estrela difere doutra estrela” (1Cor 15, 41), assim a Natividade da Virgem Maria difere da natividade de todos os Santos”.<sup>107</sup>

A Natividade da Virgem Santíssima veio iluminar a terra, como a estrela da manhã começa por iluminar o dia. Por isso Santo António apresenta uma outra particularidade da Virgem Santíssima:

Na terceira palavra observa-se o terceiro facto, a iluminação de todo o mundo, quando se diz: Que ilumina o mundo. A natividade da gloriosa Virgem iluminou o mundo, coberto de

---

<sup>105</sup> Santo António, “Prólogo aos quatro sermões para as festas de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p. 1493.

<sup>106</sup>Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1495.

<sup>107</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1495.

caligem e da sombra da morte. E por isso diz bem o Eclesiástico: “Como estrela da manhã no meio da névoa.” (Ecl 50, 6)<sup>108</sup>

Após o exórdio, Santo António continua com os pontos principais do sermão, ao qual dá o título “Maria Santíssima, mensageira do Salvador e perfeita em tudo”. O tema é desenvolvido em três pontos ao longo do sermão. Os três pontos são desdobrados com o auxílio de três metáforas: “a estrela da manhã; vara que sai da raiz de Jessé; e a Lua cheia que brilha durante a sua vida”.

Santo António compara a Virgem Santíssima à “estrela da manhã” dando-lhe o nome de Lúcifer por brilhar mais que todos os astros. “A estrela da manhã, ou Lúcifer, é Maria Santíssima, que, nascida no meio da névoa, afugentou a névoa tenebrosa e na manhã da graça anunciou o sol da justiça aos que habitavam nas trevas”.<sup>109</sup>

A Virgem Maria brotou da raiz de Jessé para iluminar o mundo. Um mundo que é iluminado através de uma vara. Por isso Santo António trabalha o tema da Virgem Maria com a metáfora da vara, enumerando as cinco propriedades que ambas têm: “longa, recta, sólida, grácil e flexível. Maria Santíssima foi longa na contemplação; recta na perfeição da justiça; sólida na estabilidade do entendimento; grácil na pobreza e flexível na humildade”.<sup>110</sup>

Na genealogia de Jesus, Abraão é o pai da fé. Da sua descendência, depois de várias gerações, nasce Jessé, pai de David, ramo do qual nasceu Jesus. Por isso diz o profeta Isaías, “sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz” (Is 11,1) Profecia confirmada pelo Evangelista Mateus, «Genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão: Abraão gerou Isaac; [...] Jessé gerou o rei David. David, da mulher de Urias, gerou Salomão [...] Jacob gerou José, esposo de Maria da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo.» (Mt 1 1-2; 6; 16). Santo António explica a Virgem Maria através da vara que brotou de Jessé e através da flor que brotou dessa mesma raiz.

Jessé, em Santo António, é também o penitente comparado a uma ilha que “batido pelas ondas das tentações, fica imóvel”<sup>111</sup>. Nas lutas contra o pecado,

---

<sup>108</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1495.

<sup>109</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1496.

<sup>110</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1496.

<sup>111</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1497.

Oferece ao Senhor um sacrifício em odor da suavidade. A raiz deste Jessé é a humildade da contrição, de que sai a vara da confissão recta e a disciplina da discreta mortificação. E observe-se que a flor não brota do cimo da vara, mas da raiz. *Uma flor brotará da sua raiz*, porque a flor, ou a esperança da fidelidade eterna, brota, não da mortificação do corpo, mas da humildade do espírito.<sup>112</sup>

No fim do sermão, Santo António, continua a explicar a figura da Virgem no relacionamento com os elementos da terra. Neste caso, a Lua cheia:

Maria Santíssima chama-se lua cheia, porque perfeita de toda a parte. A lua é imperfeita no quarto crescente ou minguante, porque tem manhã e pontas. Mas a gloriosa Virgem nem na sua Natividade teve mancha, porque foi santificada no ventre materno e guardada pelos Anjos, nem durante a vida possuiu as pontas da soberba e, por isso, brilha plena e perfeita. Chama-se luz, por diluir as trevas<sup>113</sup>.

Santo António finaliza o seu sermão com uma oração dirigida a Nossa Senhora onde evidencia mais uma vez algumas das metáforas que trabalhou no seu sermão, “Estrela da manhã, afastes com o teu esplendor a névoa da sugestão diabólica [...]; Tu que és a lua cheia, enchas o nosso vazio [...] Auxilie-nos o Senhor [...] Para nascer de ti, fez-te nascer hoje”.<sup>114</sup>

### **2.3.2. Sermão Mariano – “Anunciação de Maria Virgem Santíssima”**

No sumário do segundo sermão mariano de Santo António, são apresentados os variados temas explanados no sermão da Anunciação, sempre, de alguma forma, relacionados, com a metáfora do sol brilhante: “Como um sol brilhante e como um arco-íris que reluz entre as nuvens de glória” (Ecl 50 7-8).

---

<sup>112</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1497.

<sup>113</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira. p.1497-1498.

<sup>114</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1498.

A natureza do elefante, as folhas que caem nas árvores, as cores existentes no arco-íris, a lã da ovelha, a natureza da manteiga e do queijo, a natureza do orvalho e a propriedade do lírio são referências que o Santo Doutor irá usar na explanação do seu tema.

No começo do exórdio, Santo António compara a Virgem Maria a um vaso, citando o livro do Eclesiástico: “É um vaso admirável, uma obra do excelso”. (Ecl 43, 2) O “Vaso admirável” donde nasceu e descansou o próprio Cristo. “Daí a palavra do Eclesiástico: “Aquele que me criou, descansou no meu tabernáculo” (Ecl 24,12). Este “vaso” foi obra admirável do excelso Filho de Deus, que a fez a mais bela entre todos os mortais, a mais santa entre todos os Santos; nela Ele foi feito”.<sup>115</sup>

Ao longo do exórdio, Santo António responde com o auxílio de uma frase bíblica do I Livro dos Reis, onde explica o porquê de Maria ser semelhante ao sol brilhante:

*Entalhou nas portas do templo querubins, palmeiras e relevos de muito realce (1 Re 6,2). Na porta do Céu, a janela do paraíso é Maria Santíssima, em que o verdadeiro Salomão entalhou querubins, símbolos da vida angélica e da plenitude da caridade; e palmeiras, que designam a vitória sobre o inimigo, a verdura da perseverança e a sublimidade da contemplação; e relevos de muito realce, que significam a humildade e a virgindade.*<sup>116</sup>

Após o exórdio iniciam-se as cláusulas, que no sermão da anunciação são três: I – As virtudes e as prerrogativas de Maria Virgem Santíssima; II – O Filho de Deus comparado ao orvalho; III – O Natal do Senhor.

No ponto I, Santo António trabalha o evangelho da anunciação, metaforizando com vários elementos as várias frases do evangelho.

Santo António começa por explicar como as três propriedades do Sol são semelhantes às palavras do Arcanjo Gabriel no Evangelho da Anunciação: “Ave cheia de graça representa o esplendor, “Não temas” relembra o candor e o “Espírito Santo virá sobre ti” indica o calor.

“Ave, ó cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,28), representa o esplendor do Sol, pois como indica Santo António, as quatro virtudes

---

<sup>115</sup>Santo António, “Sermões – Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1499.

<sup>116</sup>Santo António, “Sermões – Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1500.

cardeais brilham em Nossa Senhora: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. Assim explica Santo António estas mesmas virtudes:

Teve a prudência, quando perturbada se calou, compreendeu o que ouviu e respondeu ao que lhe foi proposto. Teve a justiça, quando entregou a cada um o que lhe pertencia. Com efeito, tomou uma atitude de coração forte nos seus desposórios, na Circuncisão do Filho, na Purificação legal. Mostrou compaixão para com os aflitos quando disse: Não têm vinho. Teve a comunhão com os Santos, quando perseverava em oração juntamente com os apóstolos e com as mulheres. Da fortaleza ou magnanimidade tomou o propósito da Virgindade, reteve-o e mostrou-se digna de valor tão excelso<sup>117</sup>.

Santo António explica a Virgem através de inúmeros elementos, neste caso em concreto continua a metaforizar as palavras do Anjo com as características do sol. Enquanto as primeiras palavras do Anjo – Ave, ó cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres – indica o esplendor do sol, as seguintes palavras – Eis que conceberás e darás à luz um filho – representa o candor do Sol.

O candor do Sol é entendido nos sermões de Santo António, com o exemplo do elefante e do rato. Mas antes disso Santo António deixa uma pergunta:

Quando disse: *Eis que conceberás e darás à luz um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus* etc.: eis o candor do sol. Como poderia conceder o candor da luz eterna, o espelho sem mancha se não fosse cândida? Por isso, do seu candor diz o Filho nos cânticos: *O teu ventre é de marfim, distinto com safiras* (Ct 5, 14).<sup>118</sup>

Santo António explica o ventre de Maria com o marfim. Apresentando o exemplo do elefante, enumera as características e simbologia que carrega o osso do elefante, relacionando-as com a figura da Virgem Maria. Assim explica Santo António:

O marfim, osso do elefante, é cândido e frio. Simboliza a dupla pureza: o candor, a pureza do espírito; a frialdade, a pureza do Corpo. Candor e frialdade existiram no tálamo da gloriosa virgem. Diz-se em ciências naturais que o elefante é mais domesticável e mais obediente do que todos os animais selvagens; aceita bem a instrução e entende [...] Foge

---

<sup>117</sup>Santo António, “Sermões – Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1500.

<sup>118</sup>Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1501.

maximamente do cheiro do rato, o qual, como alguns dizem, nasce da humildade da terra. E por o Rato (mus, em latim) ser terra, a esta também se lhe chama húmus.<sup>119</sup>

Enquanto o elefante obediente representa a Virgem Maria, o rato significa a luxúria que nasce do húmus (terra). Por isso o elefante foge do rato, para não se deixar contaminar por ele.

Santo António continuando a metaforizar com alguns animais, dá o exemplo da cobra, ao citar Isaías: “Da estirpe da cobra sairá o basilisco e o que dele nascer devorará a ave.” (Is 14,29). No sermão mariano da Anunciação, Santo António utiliza a cobra, metaforizando-a com a figura do diabo, especialmente do basilisco que é conhecido por matar outros animais apenas pelo olhar, devorando a ave que é o justo. Assim explica o Santo:

O olho impudico é o mensageiro do coração impudico. E o que nasce do basilisco, ou seja, a brandura das palavras e a insolência do riso, devorará a ave, quer dizer, o justo! [...] Por isso, também a sua prole, isto é, a circunstância de toda a luxúria, deve destruir-se e exterminar-se, para que o ventre, que significa o entendimento, possa ser de marfim. Bem se diz pois: *O seu ventre é de marfim, distinto com safiras*” (Ct 5, 14).<sup>120</sup>

Enquanto o “esplendor do sol” foi explicado com as virtudes cardeais e o “cândor do sol” com as metáforas de alguns animais, as palavras do Anjo – O Espírito Santo virá sobre ti – indica o calor e é explicado por Santo António, com várias características, explicando que quando falta o calor, falta a vida.

O calor é o alimento e o nutrimento de todos os seres vivos. Faltando ele, sobrevêm o ocaso e a morte. [...] Com efeito, quando no inverno o frio aperta na casca das árvores e nas ervas, o calor, fugindo do que lhe é contrário, esconde-se nas raízes. [...] O Calor é a graça do Espírito Santo. Ao afastar-se do coração do homem [...] a alma infeliz cai na morte do pecado. [...] Ao voltar, porém, o calor, a terra concebe e germina a erva e produz fruto. Também, com a vinda do Espírito Santo, a terra bendita concebeu e deu à luz o Fruto bendito, que tira toda a maldição.<sup>121</sup>

---

<sup>119</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1501.

<sup>120</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1502.

<sup>121</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1503-1504.

Assim aconteceu com a Virgem Maria: “Com razão, portanto, se afirma: *O Espírito Santo virá sobre ti* etc. Foi, portanto, Maria Santíssima como um sol refulgente na Anunciação do Anjo”<sup>122</sup>.

Santo António compara a Virgem Santíssima com o arco-íris que entra na nuvem. As nuvens representam os dois aspetos, a ira de Deus e o pecado do homem:

O arco-íris produz-se quando o sol entra na nuvem. [...] o sol de justiça, o Filho de Deus, entrando no dia de hoje na nuvem, na Virgem gloriosa, a mesma Virgem se tornou como arco-íris refulgente, sinal de aliança, de paz e de reconciliação entre as névoas da glória, isto é, entre Deus e os pecadores. Lê-se no Génesis: “*Porei o meu arco-íris nas nuvens do céu, e será um sinal de aliança entre mim a terra.*” (Gn 9,13).<sup>123</sup>

No ponto II do mesmo Sermão, Santo António escreve o título de “O Filho de Deus comparado ao orvalho”, metaforizando, assim, o Filho de Deus, que nasce da Virgem, como o orvalho que nasce das árvores.

O Santo Doutor realça que são três as propriedades que encontramos no orvalho e que nos deparamos igualmente no Filho de Deus: “O orvalho desce de manhã, cai suavemente e dá refrigério no ardor. Também o Filho de Deus, na manhã da graça, desceu à Virgem [...] à semelhança de geadas sobre a terra; e o seu sabor era como o da farinha com mel.”<sup>124</sup>

Santo António explica desta forma a primeira propriedade que se encontra no Filho de Deus e no orvalho ao citar o livro do Êxodo, “De manhã, o orvalho apareceu no deserto como uma coisa miúda e como pisada num almofariz” (Ex16, 13.14.31). A Virgem Maria é como o deserto e o Filho de Deus, o orvalho que cai sobre ela:

Diga-se, portanto: *Apareceu o orvalho*, isto é, o Filho de Deus, *no deserto*, em Virgem Santíssima. Ele foi o maná, *coisa miúda*, na concepção e no Natal, *e como pisado em almofariz*, na Paixão, flagelado, esbofetado, escarrado; *e à semelhança de geadas sobre a terra*, na pregação dos Apóstolos.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1504.

<sup>123</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1504.

<sup>124</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1504.

<sup>125</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1506.

A segunda propriedade que encontramos no orvalho e que encontramos igualmente no Filho de Deus é que o orvalho cai suavemente como geada sobre a terra: “Descerá como a chuva sobre o velo e como o orvalho que goteja sobre a terra. [...] A chuva cai suavemente, para fecundidade; [...] No primeiro advento foi Cristo como chuva a descer sobre o velo da virgem”.<sup>126</sup>

A terceira semelhança que encontramos é o refrigério que a descida do orvalho traz sobre a terra, tal como o Filho de Deus que desce sobre a humanidade refrigerando as suas dores: “O orvalho oferece refrigério. Também o Filho de Deus derrama água fresca, refrescando a humanidade [...]: *Como água fresca para pessoa que tem sede, assim é a boa nova que vem dum país remoto*” (Pr 25, 25)<sup>127</sup>.

Santo António compara também a seguinte citação do Primeiro Livro dos Reis com o texto da Anunciação, explicando que tal como o Senhor não estava no vento, não estava no terramoto e também não estava no fogo, também no texto da Anunciação, o Senhor apenas estava no sopro de branda vibração, que aqui representam as palavras de Maria ao consentir no que Deus lhe pedia:

Repara como desceu suavemente à maneira de chuva no velo. Desta suavidade escreve-se no primeira livro dos Reis: *Eis um vento impetuoso e forte, que transforma os montes e quebra as pedras; mas o Senhor não esteve no vento; e depois do vento houve um terramoto, e aí não esteve o Senhor. E depois do terramoto acendeu-se um fogo; e nem aí esteve o Senhor; e depois do fogo ouviu-se um sopro de branda viração: aqui estava o Senhor.*(1 Reis 19, 11-12).<sup>128</sup>

Santo António explica assim a citação do livro dos Reis:

E depois do vento, da saudação, houve o terramoto: Perturbou-se com as suas palavras, e discorria pensativa que saudação seria esta; e aí não esteve o Senhor, isto é, a Encarnação do Verbo. E depois do terramoto acendeu-se um fogo, isto é, a vinda do Espírito Santo, e a proteção da virtude do altíssimo, e nem aí esteve o Senhor. E depois do fogo ouviu-se um sopro de branda viração, a saber: Eis a escrava do Senhor; aí esteve o Senhor, a Encarnação

---

<sup>126</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1506

<sup>127</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1509

<sup>128</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1508.

do Filho de Deus. De facto, quando disse: *Faça-se em mim segundo a tua palavra, imediatamente o Verbo se faz carne e habitou entre nós*.<sup>129</sup>

Após a explicação do trecho de Isaías, Santo António descreve Nossa Senhora como a flor cujo cheiro se assemelha ao da açucena: “Assim como a açucena não perde a flor ao produzir cheiro, assim a Virgem Santíssima não perdeu a flor da virgindade por ter dado à luz o Salvador”.<sup>130</sup>

O terceiro ponto do Sermão da Anunciação, Santo António intitula-o com o nome: “O Natal do Senhor”, continuando a metaforizar as flores com a figura da Virgem.

Os fiéis são as rosas plantadas sobre as correntes das águas e as águas são as lágrimas penitentes destes fiéis. As viçosas flores são a Virgem Santíssima que se compara “à rosa e ao lírio. Assim como estas plantas, exalando suavíssimo cheiro, a sua flor não se corrompe, também Maria Santíssima, dando à luz o Filho de Deus, permaneceu Virgem.”<sup>131</sup> O cheiro de Cristo exala do campo como flores: “Por isso, quando a Virgem o dava à luz, o Pai podia dizer o que disse a Jacob no Génesis: *Eis o odor do meu filho, que é como o cheiro dum campo florido que o Senhor abençoou* (Gn 27,17)”.<sup>132</sup>

Sobre o nascimento de Cristo, escreve Santo António uma oração neste sermão:

Damos-te graças, Pai Santo, por meio do inverno, no meio do frio, nos teres criado o tempo primaveril. Com efeito, neste Natal do teu Filho Jesus bendito, que se celebra no meio do inverno e no meio do frio, nos criastes, cheio de toda a amenidade, o tempo primaveril. Hoje, a Virgem, terra bendita, que o Senhor abençoou, deu à luz, como pábulo aos penitentes, erva verde, isto é, o Filho de Deus. Hoje matiza-se de flores de rosas e de lírios dos vales. [...] Hoje restitui-se à terra a tranquilidade da paz. Que mais? Tudo ri, tudo goza.<sup>133</sup>

No seu sermão da Anunciação, Santo António dá ao último ponto o nome de *Natal do Senhor*, para poder explicar a semente que cresceu no seio de Maria no dia da

---

<sup>129</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1509.

<sup>130</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1510.

<sup>131</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1512.

<sup>132</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1512.

<sup>133</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira. p. 1513.

anunciação. Disse a Virgem Santíssima: *Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 38). A inesperada aparição do Anjo a Nossa Senhora volta a ser sentida quando aparece inesperadamente aos pastores no dia do nascimento de Cristo. No sermão, o Santo Doutor explica, recorrendo ao Livro de Provérbios, o porquê dos anjos terem sido os primeiros a saber do nascimento de Cristo: «*a sua intimidade era com os simples*» (Pr 3,32).<sup>134</sup>

“*Eis que vos anúncio uma alegria que terá todo o povo. Nasceu-vos hoje um Salvador na cidade de David, que é o Cristo Senhor. E este será para vós o sinal: Encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura*” (Lc 2, 10). Santo António explica assim estas palavras do evangelista Lucas:

Os que guardam o rebanho dos pensamentos simples e inocentes ouvem do Anjo: Este é para vós o sinal com que vos haveis de marcar: encontrareis um menino: eis a humildade; deitado em manjedoura, não pegado aos seios da Mãe: eis a abstinência; envolto em panos: eis a pobreza. Com este sinal Deus Pai marcou o seu Filho e o enviou ao mundo.<sup>135</sup>

Completando o seu pensamento com uma frase do profeta Isaías: “*encontrareis um infante, isto é, sem falar, porque emudeceu e não abriu a boca, não digo de quem o tosquiava, mas de quem o tosquiava e matava*” (Is 53, 7)

Santo António, nos seus sermões, habitualmente escreve um trecho de cariz mais moral. Neste sermão verifica-se um apontamento à forma de viver dos clérigos de então: “Ó Pastores da Igreja, este é para vós um sinal: Encontrareis um menino etc. Com o sinal da humildade e da abstinência desta criança, marcai-vos com o selo da sua áurea pobreza, vós que viveis do seu património”.<sup>136</sup>

Santo António no sermão indica o cumprimento da promessa que foi feita no dia da criação do mundo: “No primeiro dia disse Deus *Faça-se a luz*; e a luz foi feita. E hoje o Verbo do Pai, por quem tudo foi criado, encarnou. Aquela luz que disse: *Seja feita a luz*, hoje foi feita.”<sup>137</sup>

---

<sup>134</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira. p.. 1513.

<sup>135</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira. p.. 1513.

<sup>136</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa.*, p.1515.

<sup>137</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1515.

No fim do sermão da Anunciação, Santo António cita o profeta Joel: “*Todos os seus rostos se reduzirão a uma panela*” (Jl 2,6). A metáfora pela estranheza que pode carregar, tem em si a verdade que o Santo sempre imprime em seus Sermões:

A panela é o espírito do pecador, onde há a água da concupiscência a emitir bolhas de pensamento perverso ao pôr-se-lhe por baixo o fogo da sugestão diabólica. [...] Os rostos, portanto, dos pecadores reduzir-se-ão a uma panela, quando as suas obras estão manchadas com a negrura da mente. Maria Santíssima tira esta negridão e queimadura com o brilho medicinal da sua santidade, e confere aos que nela esperam a omnímada santidade<sup>138</sup>

No presente capítulo trabalhamos a estrutura literária dos sermões, analisando detalhadamente dois dos quatro sermões marianos de Santo António, o Sermão da Natividade e o sermão da Anunciação à Virgem Maria, estudando particularmente as metáforas que estavam presentes em cada um.

---

<sup>138</sup> Santo António, “Sermões -Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1517.

### III. SANTO ANTÓNIO E NOSSA SENHORA

O terceiro capítulo pretende analisar mais detalhadamente alguns dos temas trabalhados por Santo António ao longo dos seus sermões. No primeiro subcapítulo será realizada uma análise geral aos sermões de Santo António. No segundo subcapítulo será feito um estudo sobre a presença de intuições dogmáticas da Imaculada Conceição nos sermões de Santo António, contextualizando-as na vivência teológica da Idade Média de então. No último subcapítulo será realizada uma análise sobre a presença da simbologia nos sermões de Santo António.

#### 3.1 Visão Geral dos *Sermões Marianos* de Santo António

Conforme dito anteriormente, Santo António escreve quatro sermões que dedica à Virgem Santíssima. Nestes explica a figura de Maria numa teologia poética, dentro de um conjunto de metáforas, símbolos, elementos e comparações, tornando a figura da Virgem mais perceptível para os seus frades.

O Santo Doutor termina todos os seus sermões marianos com uma oração à Virgem Maria. No Sermão do dia da Assunção de Nossa Senhora aos céus, escreveu:

Rogamos-te, portanto, Senhora nossa, Mãe ínclita de Deus, exaltada acima dos coros de anjos, que enchas de graça celeste o vaso do nosso coração, o faças refulgir com o ouro da sabedoria, o consolides com o poder da tua virtude, o adornes com a pedra preciosa das virtudes, derrames sobre nós o azeite da tua misericórdia; tu que és oliveira bendita, com ele cubras a multidão dos nossos pecados, a fim de que mereçamos ser elevados à altura da glória celeste e tornados felizes com os bem-aventurados. Auxilie-nos Jesus Cristo, teu Filho, que te exaltou hoje acima dos coros dos Anjos, te coroou com o diadema real e te colocou no trono da luz eterna, ao qual é devida honra e glória por séculos eternos. Diga toda a Igreja: Assim seja. Aleluia<sup>139</sup>.

Algumas das metáforas usadas na citada oração são: o vaso, o ouro, a pedra preciosa, o azeite, a oliveira. O Santo Doutor, ao fazer tais comparações, evidencia essencialmente duas coisas: noção clara da figura da Virgem Maria que o permite viajar por vários elementos de explicação e a certeza que imprime nos frades ao dar-lhes essas

---

<sup>139</sup> Santo António, “Sermões – Assunção de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1542.

informações, revelando assim o véu da humanidade que os aproximava de Cristo, através de Maria: “A ti, Virgem Santíssima, seja dado louvor e glória, porque hoje fomos cheios pela bondade da tua casa, do teu ventre. Antes vazios, estamos agora cheios; antes enfermos, agora sãos; antes amaldiçoados, agora abençoados”<sup>140</sup>

A figura da Virgem Maria permanece sempre presente em Santo António. Conta-se que os seus laços com Maria permanecem até ao momento da sua morte, pois, pelo que se sabe, morreu a 13 de junho enquanto cantava o seguinte hino a Nossa Senhora: “*O Gloriosa Domina – Excelsa supra sidera – Qui te creavit provide – Lactasti sacro ubere* (Ó gloriosa Senhora – Que sobre as estrelas existes – Quem te criou providente – Aos sacros peitos nutristes) [...]”<sup>141</sup>

### **3.2. Santo António e o dogma da Imaculada Conceição**

Podemos encontrar nos sermões marianos de Santo António intuições que viriam a ser confirmadas, mais tarde, pela declaração dogmática da Imaculada Conceição.

A Teologia do século XIII foi marcada por alguns pensadores católicos, Santo Alberto Magno, São Tomás de Aquino, São Boaventura, Santo António, entre outros. As ordens mendicantes, Dominicanos e Franciscanos, começavam a crescer, marcando assim a teologia do século XIII. O dominicano Santo Alberto Magno que morreu na segunda metade do século XIII, deu a Maria um lugar central na sua teologia, enquanto não aceitava a sua Imaculada Conceição. Assim Santo Alberto Magno é citado pela professora Maria Manuel de Carvalho: “Na Igreja não há mais do que a cabeça e os membros. A obra da redenção pertence exclusivamente à cabeça; por isso, o ser redimidos é coisa dos membros. Porque a Bem-aventurada Virgem era um membro, convinha que fosse redimida.”<sup>142</sup>

Santo Alberto Magno defendia a Virgem Maria como membro a ser redimido, já Santo António, também teólogo de uma ordem mendicante, defende a Imaculada Conceição no Sermão do Terceiro Domingo da Quaresma:

---

<sup>140</sup>Santo António, “Sermões – Natal do Senhor” in Correia Pereira., p.1717.

<sup>141</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.315.

<sup>142</sup> Maria Manuela Carvalho, *Maria figura da graça*, Estudos Teológicos (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022)., p.78.

Bem-aventurado, portanto, o ventre da gloriosa Virgem, da qual escreve S. Agostinho no livro *De Natura et Gracis*: Quando se trata de pecados, excetuo a Santíssima Virgem, da qual, por honra do Senhor, não quero absolutamente se faça questão alguma. De facto, sabemos que lhe foi conferida mais graça para vencer o pecado, em todos os aspetos, de maneira que mereceu conceber e dar à luz aquele que seguramente não teve pecado algum. Exceptuada, portanto, esta Virgem, se todos os santos e santas pudessem reunir-se e lhes fosse perguntado se tinham pecado, que responderiam senão o que diz S.João: *Se dissermos que não temos pecado, a nós mesmos nos enganamos, e não está em nós a verdade?* – Porém, aquela Virgem gloriosa foi prevenida e cheia de graça singular, para que tivesse como fruto do seu ventre aquele mesmo que de início o universo teve como o Senhor<sup>143</sup>

As palavras acima citadas explicam a opinião de Frei António acerca do tema da Imaculada Conceição de Maria, dizendo claramente que a Virgem foi prevenida e cheia de graça singular.

São Boaventura, irmão franciscano, tinha uma opinião diferente de Santo António, não sendo claro ao dizer que Maria não podia pecar, mas deixando a porta aberta à possibilidade de em Maria poder haver pecado, tal como nos outros santos. Assim explica a professora Maria Manuela de Carvalho:

O seu irmão franciscano, S.Boaventura, nega também a Imaculada Conceição, [...] É bem clara nele a influência de Santo Agostinho, Pedro Lombardo e São Bernardo. É a encarnação do Verbo que completa a purificação de Maria, iniciada, como a dos outros santos, com a possibilidade de evitar o pecado.<sup>144</sup>

Ao longo dos seus sermões, Santo António volta a referir-se ao mesmo tema, especialmente nos sermões do quinto Domingo de Pentecostes: “E nota que a Santíssima Virgem, trono do Filho de Deus, diz-se coluna de nuvem: Coluna, porque sustenta a nossa fragilidade; de nuvem, porque imune pecado”.<sup>145</sup> No Sermão da Anunciação do Senhor, Santo António explica a Virgem Maria através de uma pedra: “Maria Santíssima é chamada pedra do deserto: pedra porque impossível de ser sulcada pelo arado. [...] chama-se ainda do deserto, porque inculta e não inseminada pelo esperma viril, mas emprenhada

---

<sup>143</sup> Santo António, “Sermões – Terceiro Domingo da Quaresma” in Correia Pereira., p.660.

<sup>144</sup> Carvalho, *Maria figura da graça.*, p.78.

<sup>145</sup> Santo António, “Sermões – Quinto Domingo depois do Pentecostes” in Correia Pereira., p.1007.

por obra do Espírito Santo”.<sup>146</sup> Assim Santo António elucida mais uma vez a Imaculada Conceição da Virgem Maria ao explicá-la através de uma nuvem que é imune de pecado e através de uma pedra que é impossível de ser sulcada pelo arado.

A escola franciscana começava assim a ser marcada por este pensamento teológico. Duns Escoto, um santo franciscano que nasceu na segunda metade do século XIII defendia à semelhança de Santo António, a Imaculada Conceição. Assim indica a professora Maria Manuela Carvalho:

Nos fins do século XIII, *o doctor subtilis*, Duns Escoto, mereceu também o sobrenome de *doctor marianus*. Ele transforma a objeção à Imaculada Conceição de Maria, baseada no argumento de esta ser inconciliável com a universalidade da redenção, num argumento positivo a favor da Imaculada. Cristo é o Redentor perfeitíssimo, e uma redenção que preserva do pecado é mais perfeita do que aquela que liberta dele. Se isto é verdade para os pecados pessoais, mais o é para o pecado original.<sup>147</sup>

E continua por acrescentar:

O raciocínio de Escoto, na linha de Eadmer, segue o modo de Santo Anselmo encarar o pecado original como uma carência, como a perda de um bem absoluto. Ora, Maria, a cheia de graça, não pode estar carente do supremo bem. Se é dita cheia de graça desde a Anunciação, é que a redenção lhe deu a participar da comunhão divina<sup>148</sup>

A compreensão dogmática que hoje temos requereu uma evolução de pensamento ao longo dos séculos. Assim explica o teólogo Garcia Paredes:

As afirmações dogmáticas devem ser compreendidas em seu contexto histórico e cultural – todas elas estão localizadas em uma cultura e época específicas, condição que afeta também a revelação de Deus. Daí surge a necessidade de utilizar chaves hermenêuticas para compreendê-las no seu sentido original e para atualizar e realocar a sua verdade em novos contextos históricos e culturais. É claro que se avançou muito mais na hermenêutica bíblica do que na hermenêutica do magistério eclesial, mas esta última também é necessária. [...] Quando na época da definição dogmática da Imaculada Conceição, Maria era mencionada como sendo preservado do pecado ,« em antecipação aos méritos de

---

<sup>146</sup> Santo António, “Sermões – Anunciação da Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p. 1506

<sup>147</sup> Carvalho, Maria figura da graça., p.83

<sup>148</sup> Carvalho, Maria figura da graça., p.84.

Cristo», estava sendo utilizado um esquema soteriológico jurídico que hoje parece redutor e ultrapassado..<sup>149</sup>

Santo António no tempo em que viveu, não viu as verdades com que acreditava tornarem-se em dogma mariano, mas, como afirma o Pe. Rema, Santo António “tem o coração e o entendimento virados para o belo privilégio de Maria, conquanto lhe faltem os meios suficientes para o afirmar de modo explícito”.<sup>150</sup>

### 3.3. A Simbologia nos *Sermões* de Santo António

Ao longo dos sermões marianos, Santo António recorre a inúmeras simbologias para explicar aos seus frades os privilégios de Maria.

No Sermão da Anunciação, a “estrela da manhã” é a Virgem Maria por brilhar mais que todas as estrelas. É a Vara por ambas possuírem as mesmas características “longa, recta, sólida, grácil e flexível”.<sup>151</sup>

No Sermão da Anunciação, a Virgem Santíssima é como o sol brilhante, o arco-íris refulgente. É o elefante que foge da luxúria e o deserto onde nasce Cristo. É a ovelha inocente e a açucena em flor.

No Sermão da Purificação, Nossa Senhora é o tabernáculo onde Cristo se armou com o escudo da justiça e com o capacete da salvação.<sup>152</sup> É o “cestinho” que, à semelhança com o que abrigou Moisés, transportou Jesus Cristo e que foi colocado o rio, que é o mundo.<sup>153</sup> É o jardim que “foi jardim fechado a norte, com o muro da humildade; jardim fechado, a Sul, com o muro da pobreza; fonte selada com o selo da virgindade, a Ocidente”.<sup>154</sup>

---

<sup>149</sup> José Cristo Rey García Paredes, *Mariologia*, Manuales de Teologia (Biblioteca de Autores Cristianos, 1995), p. 304.

<sup>150</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos*, p.460.

<sup>151</sup> Santo António, “Sermões – Natividade de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira, *Legendas - Sermões, Sto António de Lisboa*, p.1496.

<sup>152</sup> Santo António, “Sermões - Purificação da Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1523.

<sup>153</sup> Santo António, “Sermões - Purificação da Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1525.

<sup>154</sup> Santo António, “Sermões - Purificação da Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1525.

E no Sermão da Assunção, Frei António explica que Nossa Senhora é o vaso de ouro, a oliveira e o cipreste, esclarecendo que “Maria Santíssima foi vaso pela humildade, de ouro pela pobreza, maciço pela virgindade”.<sup>155</sup>

O Santo Doutor comparou a oliveira com os vários momentos da vida da Virgem:

A Virgem Santíssima, na conceição e nascimento do Salvador, permaneceu verde, reteve a força da virgindade. Permaneceu virgem [...]; foi avermelhada na Paixão do Filho, que lhe atravessou a própria alma, foi madura na festa de hoje, a Assunção; foi oliveira que brota, isto é, que goza na beatitude da glória celeste.<sup>156</sup>

Neste mesmo sermão, Santo António explicou Nossa Senhora com a figura do cipreste: “É como o cipreste que se eleva para o alto. Maria Santíssima elevou-se como o cipreste, no dia de hoje, acima da altitude de todos os Anjos.”<sup>157</sup>

Regra geral, Santo António termina os seus sermões com uma oração composta por alguns dos temas que explanou no corpo do seu texto. Nos Sermões Marianos, esta oração é dirigida a Nossa Senhora, onde volta a evocar diversas metáforas e características descritivas que usou no sermão.

No fim do sermão da Assunção da Virgem Santíssima, as características do vaso, da oliveira, tal como ao longo do sermão, voltam a ser usadas na oração final:

Rogamos-te, portanto, Senhora nossa, [...] exaltada acima dos coros dos Anjos, que enchas de graça celeste o vaso do nosso coração, o faças refulgir com o ouro da sabedoria, o consolides com o poder da tua virtude, o adornes com a pedra preciosa das virtudes, derrames sobre nós o azeite da tua misericórdia; tu que és oliveira bendita, com ele cubras a multidão dos nossos pecados, a fim de que mereçamos ser elevados à altura glória celeste e tornados felizes com os bem-aventurados. Auxilie-nos Jesus Cristo, teu Filho, que te exaltou hoje acima dos coros dos Anjos, te coroou com o diadema real e te colocou no trono da luz eterna, ao qual é devida honra e glória por séculos eternos. Diga toda a Igreja; Assim seja. Aleluia.<sup>158</sup>

---

<sup>155</sup> Santo António, "Sermões - Assunção da Maria Virgem Santíssima" in Correia Pereira., p.1536.

<sup>156</sup> Santo António, "Sermões - Assunção da Maria Virgem Santíssima" in Correia Pereira., p.1540.

<sup>157</sup> Santo António, "Sermões - Assunção da Maria Virgem Santíssima" in Correia Pereira., p.1541.

<sup>158</sup> Santo António, "Sermões - Assunção da Maria Virgem Santíssima" in Correia Pereira., p.1542.

A pregação Antoniana podia, eventualmente, ser pouco perceptível pelos seus ouvintes. Não obstante, a escrita dos sermões foi construída como uma resposta clara aos grandes desafios de percepção dos seus leitores.

Os quatro sermões explicitamente marianos e os pequenos textos mariológicos de Nossa Senhora escritos em outros sermões, colocam Nossa Senhora no seu certo lugar. Frei António afirma que a Virgem Santíssima representa o trono de glória:

O Trono de glória é Maria Santíssima, que por todos os lados é sólida e integra. Em Maria se sentou, enquanto dela assumiu a carne, a glória do Pai, Filho sábio, antes, a própria sabedoria, Jesus Cristo. [...]. Portanto, Maria Santíssima foi trono de glória, foi trono de Jesus Cristo, glória da altitude, glória dos Anjos<sup>159</sup>

A iconografia da maternidade divina é explicada, por Santo António, através do trono de glória, não estando Nossa Senhora sentada no trono de glória, porque esse lugar é “ocupado” pelo seu filho Jesus.

Nossa Senhora em Santo António, é representada por diversas simbologias com o intuito de explicar aos seus frades, de forma mais explícita, a figura da Virgem Maria. Os sermões de Santo António expressam através de muitas metáforas a grandeza que em Maria aconteceu, mas no sermão do Quinto Domingo depois da Pascoa, não usa simbologias, apenas explica a grandiosidade que o filho de Deus realizou no mundo através de Nossa Senhora:

Ele fez coisas grandes, incompreensíveis, maravilhas e sem número. Fez coisas grandes na criação; [...] far-nos-á maravilhas na eterna beatitude. Por outras palavras: fez coisas grandes na sua Encarnação, donde a fala Maria Santíssima: *Fez em mim grandes coisas aquele que é poderoso e cujo nome é santo* (Lc 1, 49); incompreensíveis no seu nascimento, em que uma Virgem deu à luz o mesmo Filho de Deus; maravilhas na realização dos milagres. Bendito seja, porque tudo sabe quem fez tais coisas!<sup>160</sup>

O presente capítulo fez, no primeiro subcapítulo uma análise geral aos sermões de Nossa Senhora explicando algumas características presentes nos sermões marianos de Santo António, como exemplo a oração final que deixa no fim de cada sermão. No segundo subcapítulo fez-se uma análise das intuições do dogma da Imaculada Conceição

---

<sup>159</sup>Santo António, “Sermões - Assunção de Maria Virgem Santíssima” in Correia Pereira., p.1533.

<sup>160</sup> Santo António, “Sermões – Quinto Domingo depois da Páscoa” in Correia Pereira., p.852.

de Nossa Senhora que podemos encontrar nos sermões antonianos. No terceiro subcapítulo concluimos com alguma das simbologias marianas presentes nos sermões de Santo António.

## CONCLUSÃO

No primeiro capítulo estudamos o seu percurso de vida e a importância que a mesma teve na escrita dos seus sermões. No segundo capítulo focamo-nos nos sermões marianos de Santo António ao analisarmos o sermão da Natividade da Virgem Santíssima e o sermão da Assunção de Nossa Senhora. E no terceiro capítulo analisámos algumas das características dos sermões marianos de Santo António.

No primeiro capítulo tratámos da figura de Fernando de Bulhões. Nascido mesmo em frente à Sé de Lisboa, por lá cresceu e amadureceu. Estudou na Escola Capitular da Sé de Lisboa. Em 1209 deixa a Escola Capitular da Sé de Lisboa, entrando para a Ordem de Santo Agostinho no Mosteiro de São Vicente de Fora. Neste Mosteiro, fora das portas de Lisboa, refugia-se no estudo e na oração. Querendo buscar uma vida de maior oração e contemplação decide deixar o Mosteiro de São Vicente de Fora, indo para Coimbra, para o Mosteiro de Santa Cruz. Coimbra era a capital do Condado Portucalense e o Mosteiro de Santa Cruz era o lugar da excelência do ensino. Dom Fernando de Bulhões, assim chamado pelos seus irmãos na ordem de Santo Agostinho, cresce no silêncio da escola de Coimbra. Em 1220 é ordenado sacerdote e nesse mesmo ano morrem em Marrocos os primeiros franciscanos mártires. No primeiro capítulo tratamos como estes franciscanos foram muito interpeladores para Santo António. Antes da sua ida para Marrocos passaram por Coimbra e após a sua morte as suas relíquias voltaram ao Mosteiro de Santa Cruz. Santo António ao ver as relíquias destes protomártires franciscanos, sentiu o apelo missionário decidindo assim deixar a Ordem de Santo Agostinho partindo para a ordem franciscana para dar a sua vida como estes mártires em Marrocos.

Tratamos a sua ida para Marrocos para entregar a sua vida como mártir, à semelhança dos mártires franciscanos que morreram em Marrocos. Ao chegar a Marrocos é tomado por uma grave doença que o impede de evangelizar como tinha sonhado. Ao voltar para Portugal, sofre uma grande tempestade, desembarcando assim na Sicília em Itália. Ao estar em Itália participa no capítulo da ordem franciscana, conhecendo assim São Francisco de Assis. Em Itália continua a formação na ordem franciscana, vivendo no silêncio de uma cela até 1223 no Monte Paolo na Romagna. Nesse ano participa no Capítulo Provincial, pregando aos seus irmãos frades. A pregação causou enorme espanto entre os franciscanos, sendo convidado após o capítulo para ensinar teologia aos frades franciscanos. Frei António torna-se num nome bastante importante na ordem franciscana.

Ensina em França e em diversas cidades italianas. Morre em Pádua no ano de 1231, com fama de santidade.

No primeiro capítulo concluímos que a vida apostólica de Santo António foi muito frutuosa. Ao longo de vários anos, o silêncio e o estudo da escola capitular de Lisboa, do Mosteiro de São Vicente de Fora, do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e do Monte Paolo, em Itália, foram fundamentais para o seu amadurecimento como professor, pregador e santo.

No segundo capítulo tratámos os sermões marianos de Santo António, onde começámos por fazer uma visão geral dos sermões. Compreendemos que nos seus sermões estão presentes seis mil citações da Sagrada Escritura, texto esse que é enriquecido por inúmeras metáforas. Assim Santo António, encontrou uma forma mais apelativa de ensinar os seus irmãos frades. A Patrística está muito presente nos sermões de Santo António. Santo Agostinho, São Gregório Magno e São Bernardo de Claraval são, diversas vezes, citados por Santo António nos seus escritos.

Ao longo do segundo capítulo compreendemos a riqueza teológica e exegética que está presente nos seus sermões, tendo o Papa Pio XII declarado Santo António como Doutor da Igreja ao publicar o documento “Salve Lusitana Felix”.

Os sermões de Santo António têm um tema principal que geralmente é o evangelho, onde é desenvolvido por sub-temas. Profundamente marcada por um discurso teológico poético de modo a ser perceptível pelos seus frades.

No Segundo Capítulo analisamos ainda dois sermões de Santo António, o sermão da Natividade de Maria Virgem Santíssima e o sermão da Anunciação a Maria Virgem Santíssima. Ao tratarmos estes dois sermões marianos concluímos a grande metaforização que Santo António faz de Nossa Senhora ao longo dos seus sermões. No primeiro sermão em estudo, no sermão da natividade de Maria Virgem Santíssima, Santo António compara metaforicamente Nossa Senhora à estrela da manhã, desenvolvendo esse tema ao longo do sermão. Já no sermão da Anunciação a Maria Virgem Santíssima, Santo António compara a Virgem Maria com o sol brilhante e, a partir desse tema, desenvolve todo o sermão. A estrela da manhã e o sol brilhante são as principais metáforas sobre Nossa Senhora que Santo António desenvolve nestes dois sermões.

No terceiro capítulo concluímos com uma visão geral dos sermões marianos de Santo António. Foram quatro os principais sermões marianos que escreveu: Natividade, Anunciação, Purificação e Assunção. Terminando sempre os seus sermões com uma oração exaltando novamente algumas metáforas que escreveu durante o sermão.

Podemos encontrar ainda nos sermões marianos de Santo António intuições que viriam a ser confirmadas, mais tarde, pela declaração dogmática da Imaculada Conceição proclamada por Pio IX em 1854. Na escrita dos seus sermões explica várias vezes a figura da Virgem Maria como alguém sem pecado. Assim aconteceu quando a comparou com uma nuvem que é imune de pecado ou como o deserto que permanece intacto mas emprenhado pelo Espírito Santo. Estas ideias antonianas nasciam fruto da escola franciscana da época.

Ao longo do trabalho concluímos que os tempos de silêncio tratados no primeiro capítulo são fundamentais para os tempos de pregação que no segundo e terceiro capítulo se trata através dos sermões. Os tempos de crescimento em Portugal foram determinantes para os seus anos de evangelização pela Europa. Os ensinamentos que transmitiu aos seus frades foram resultado de muitas horas de oração, em diálogo com Deus, sendo os sermões de Santo António fruto da sua intimidade com Deus e no caso dos sermões marianos, de união profunda a Maria.

A mariologia antoniana está centrada no acontecimento de Nossa Senhora ser Mãe de Deus e através daqui escreve todos os seus sermões marianos. Ao longo dos seus ensinamentos percorre inúmeras metáforas que expliquem de uma maneira mais verdadeira a figura da Virgem Maria.

Assim concluo este meu trabalho com uma citação do antoniano António Rema que explica a núcleo da Mariologia em Santo António de Lisboa:

Toda a mariologia centra-se naturalmente no facto de Maria ter sido escolhida para Mãe de Deus, Mãe de Jesus Cristo (Deus e Homem). A maternidade divina é o primeiro e o supremo princípio da mariologia antoniana. Dela decorrem todos os privilégios de Maria. [...] Santo António dá a Maria os mais variados títulos: Mãe de Deus; Imaculada; Irmã de Cristo; Nossa Senhora; Nossa Mãe; Virgem Mãe; Estrela da Manhã; Rainha do Céu e da Terra, etc [...] A falta de termos adequados para qualificar Maria Santíssima, leva o Doutor Evangélico a recorrer a comparações e figuras, de que salientamos: abelha (por ser operosa); altar (por ser portadora do Filho de Deus); coluna de nuvem (por nos servir de

luz e guia do nosso peregrinar, à semelhança do que acontecera aos israelitas a caminho da Terra Prometida; flor do campo (para nos dar alegria); porta do céu (enquanto nossa intercessora); a nova Eva (por nos restituir a graça mediante Jesus seu Filho).<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> Rema, *Coletânea de Estudos Antonianos.*, p.318.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **FONTES ANTONIANAS**

Correia Pereira, José António ed. Fontes Franciscanas III - Santo António De Lisboa - Legendas-Sermões. 2a Edição. Braga: Editorial Franciscana, 2017.,

### **ESTUDOS SOBRE SANTO ANTÓNIO**

Bessa-Luís, Agustina. Santo Antonio - Biografia. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

Correia Borges, Nelson. «Coimbra: Mártires de Marrocos». Blog. A`Cerca de Coimbra, 14 de janeiro de 2020. <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-martires-de-marrocos-174470>.

Cruz Coelho, Maria Helena, Carlota Miranda Urbano, Maria Amélia Ávaro de Campos, e Milton Pedro Dias Pacheco, eds. Mártires de Marrocos nos 800 anos do seu martírio. História, Espiritualidade e Materialidade. Igreja de Santa Cruz de Coimbra. Coimbra, 2021.

Eça de Queiroz, António. Santo António. Autor e Guerra e Paz Editores, S. A., 2010.

Félix Lopes, Fernando. Santo António de Lisboa - Doutor Evangélico. Editorial Franciscana, 1954.

Ferrante, Giulio Marchetti. António de Lisboa -O Santo de Pádua (1195-1231). 1o Edição. Coimbra: Coimbra Editors L.da, 1963.

Gama Caeiro, Francisco. Santo António de Lisboa. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990.

Museu de Lisboa. «“O Milagre da Bilha”, como relatado no século XVII». Youtube, 4 de fevereiro de 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=mVtzYaG-QTg>.

Olenchuk, Émili Feitosa. «Os Sermões De Santo Antônio De Pádua: Análise De Alguns Elementos Retóricos», sem data. [https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529804547\\_ARQUIVO\\_emi\\_lyfeitosa.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529804547_ARQUIVO_emi_lyfeitosa.pdf). Consultado a 5 de Setembro de 2023

Papa Bento XVI. «Audiência Geral - Hugo e Ricardo de São Vítor». Cidade do Vaticano, 2009. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20091125.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091125.html).

Rema, Henrique Pinto. Coletânea de Estudos Antonianos. EGEAC, Museu de Lisboa-Santo António, Centro de Estudos e Investigação de Santo António. Lisboa, 2019.

Santo António. Florinhas de Santo António de Lisboa. 7o. Editorial Franciscana, 2019.

Sirgado Ganho, Maria de Lourdes. Santo António de Lisboa: pensamento e devoção. Lisboa: Chiado, 2022.

Tomás Gonçalves, Aloísio. Vida de Santo António de Lisboa. Paulus Editora, 2016.

## **OUTRA BIBLIOGRAFIA CITADA**

Carvalho, Maria Manuela. Maria figura da graça. Estudos Teológicos. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022.

García Paredes, José Cristo Rey. Mariologia. Manuales de Teologia. Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

Santos Carvalho, Jorge Miguel. «O Mosteiro de Santa Cruz na emergência de Portugal As relações com o Poder Régio e com o Papado». Dissertação Final - Mestrado Integrado, Universidade Católica - Faculdade de Teologia, 2016. Repositório UCP. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20305/1/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Jorge%20Carvalho%20-%20O%20Mosteiro%20de%20Santa%20Cruz%20na%20emerg%20ancia%20de%20Portugal.pdf>. Consultado a 10 de Junho de 2023

Reis da Silva, André Mauricio Horta. «São Teotónio: Vida, obra e iconografia». Dissertação Final - Mestrado Integrado, Universidade Católica - Faculdade de Teologia, 2017. Repositório UCP. <file:///C:/Users/diogo/Downloads/Disserta%20a7%20a3o%20S%20a3o%20Teot%20B%20nio,%20vida,%20obra%20e%20iconografia%20de%20Andr%20a9%20Maur%20aDcio%20Horta%20Reis%20da%20Silva.pdf>. Consultado a 8 de Maio de 2023